

Tempo Livre

DIRETOR - FRANCISCO MADELINO
JORNAL BIMESTRAL
3.ª SÉRIE - 1€
N.º 49 - SET-OUT 2024



PORTUGALIDADE
E AS NOVAS
GERAÇÕES



Quem o avisa seu amigo é!
TODAS AS VANTAGENS EM:



Caro(a) Associado(a)

Este Jornal vale Dinheiro!

Ofereça-o!

Até 31 de outubro

Oferta da taxa de inscrição para Novos Associados*

*Oferta da taxa de inscrição, válida para novos associados que apresentem esta edição do Jornal Tempo Livre numa das 27 INATEL Locais, até 31 de outubro. Ofereça o Jornal a um amigo para ele usufruir da oferta.

ÍNDICE

4
50 ANOS DO 25 DE ABRIL:
JOVENS ADULTOS NA ERA DA
LIBERDADE
6
À CONVERSA COM: JOSÉ GIL

8
VIAJANDO COM LIVROS
9
A CASA NA ÁRVORE

10
MEMÓRIAS DE JÚLIO ISIDRO
12
ENTREVISTA: GUILHERME
D'OLIVEIRA MARTINS

14
SOCIEDADE: GASPAR VARELA
16
NOTÍCIAS | COLUNA DO
PROVEDOR

17
VIAGENS: CRUZEIRO PELAS
ILHAS CANÁRIAS
18
OUTROS MUNDOS

20
ARQUIVO HISTÓRICO | O CAIS
DO OLHAR
21
TEATRO DA TRINDADE

22
CRÓNICA DE FERNANDO
DACOSTA
23
PASSATEMPOS

CAPA



ILUSTRAÇÃO
RITA RAVASCO

Sou natural de Mourão, Alentejo, 27 de fevereiro de 1989, vivo e trabalho em Lisboa.

O meu trabalho é de tal modo variado que não me consigo apresentar só na ilustração ou só na pintura, não é possível definir-me num único caminho das artes visuais. Tudo surge de vontades e conceitos que absorvo.

Considero-me uma artista visual, alguém que cria, que transforma...

No meu percurso artístico, passo pela ilustração, pintura, arte urbana, vídeo, *stop motion*, desenho e escultura. As artes visuais oferecem-nos tantas possibilidades que é difícil adotar apenas uma. O principal foco é a transformação da ideia em material visual, transformar suportes em ideias que levem o espectador a refletir.

Atualmente o transporte visual a ser estudado é o uso da cor aplicada em diferentes suportes que nos convidam a mergulhar em universos surrealistas repletos de cores vibrantes, na maioria das vezes acompanham temas da sociedade contemporânea e natureza.



LER JORNAIS É SABER MAIS!
DE FORMA SEGURA
E SEM O VÍRUS DA DESINFORMAÇÃO.

EDITORIAL



FRANCISCO MADELINO
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO INATEL

NOVAS GERAÇÕES: A BELEZA DO FUTURO

Há uma verdade *lapalissiana*: não há futuro para a Humanidade sem as novas gerações. A esta, acrescenta-se outra igualmente objetiva: esta renovação geracional incorporará sempre novas ideias e sonhos. Daí o verso do poeta, que diz que “todo o mundo é composto por mudança”.

Começamos a ficar definitivamente velhos quando achamos que o mundo não terá futuro porque as novas gerações têm hábitos, vivências e comportamentos diferentes dos nossos. As novas gerações, pelo contrário, são a forma que a Natureza encontra para perpetuar e renovar a Vida.

O Turismo é, assim, um dos domínios onde mais se observam estas mudanças, tanto de comportamentos quanto de procuras. Experiências e emoções que se objetivam ter. A sociedade, e nela as relações sociais, as novas relações familiares e os novos modos como se relaciona o individualismo e a solidariedade, alteram-se significativamente. O desporto tornou-se um elemento central nas novas gerações, promovendo o bem-estar e combatendo o envelhecimento.

É na cultura, porém, que mais se verifica, permanentemente, a reinvenção e a mudança. É também, contudo, o domínio onde se constata que o novo surge sempre, não como uma disrupção com o passado, por mais que o queiramos ver, mas a partir dele e das suas raízes, que ligam mundos e passados, introduzindo a criação, o diálogo, a mistura e a invenção. A cultura é o domínio, por excelência onde as gerações se ligam.

A INATEL é uma das instituições que, pela sua missão, tem melhores condições para perceber e experienciar esta intergeracionalidade, assim como para promovê-la. Este número do *Tempo Livre* é precisamente dedicado a informar, observar e mostrar como projetos concretos de novas gerações nos mostram e espantam com a capacidade criativa dos jovens, ou seja, nos dão uma enorme esperança para o futuro.

Caro leitor e sócio da INATEL, espero que desfrute da leitura deste número.

50 ANOS DO 25 DE ABRIL

JOVENS ADULTOS NA ERA DA LIBERDADE

DA GRATIDÃO À MOTIVAÇÃO PARA

Do alto dos seus 18 anos, avistam um país com mais conquistas sociais, económicas e ambientais para as próximas décadas. Querem ir e ver mais longe, porque, dizem, “é a hora” de refletir e fazer novas coisas pelo presente e futuro do país. Eis os pensamentos, as palavras, os atos e os sentimentos de quem festejou este ano a maioridade e celebrou o meio século da democracia

“**E**stá na hora de Portugal acordar outra vez”, começa por afirmar Maria Mourinha, com a certeza dos 18 anos e com a sabedoria de quem sabe que as “pessoas não podem perder a voz”.

Alerta para os perigos da ignorância e do desinteresse que observa, algumas vezes, à sua volta por aquilo que se passa no país e no mundo.

Maria cita Fernando Pessoa em a *Mensagem* para sublinhar estas palavras de ação: “É a hora!” A futura estudante universitária, que obteve a classificação de 19 valores no exame de Português, está pronta para entrar no ensino superior. Mais conhecimento leva-a a novos pensamentos. Novos pensamentos levam-na a querer intervir, para já, no seu espaço de intervenção, para continuar a abrir *as portas que Abril abriu*, parafraseando Ary dos Santos. Ela recita poesia e faz leitura dramática através do Movimento 14-20, para que haja cada vez mais leitores entre os 14 e os 20 anos. Tem a intenção de integrar, também, o grupo de teatro. A cultura é um meio para entender melhor a vida e encontrar alguns caminhos por onde ir ou não ir.

Esta jovem adulta conta sentir-se “aliviada” por viver em democracia, por exprimir-se livremente e por poder fazer escolhas: “Mesmo que não tenha vivido numa realidade diferente desta, consigo perceber pelas vivências de outras pessoas o quão terrível seria se estivéssemos num país onde não pudéssemos expressar o que sentimos.” Confessa, no entanto, sentir “receio” de “um dia poder experienciar” o que a geração dos avós sentiu durante a ditadura. “Todos devemos conhecer e lembrar o pas-

sado, para podermos desenhar o futuro. Os jovens de hoje têm de ter interesse em perguntar aos mais velhos e pesquisar sobre o assunto, para que não permitam que o Estado se torne num regime autoritário.”

TER VOZ ATIVA

A aluna, de Ciências e Tecnologias no ensino secundário e que agora vai ingressar no curso de Direito, quer ter amplas visões sobre o mundo. Maria faz perguntas, em especial, à família e aos professores sobre o período anterior à Revolução dos Cravos. “Gosto de saber mais, por exemplo, sobre a PIDE [Polícia Internacional e de Defesa do Estado] e ver até onde os seres humanos conseguem ser maus. Eles torturavam as pessoas. Para mim é uma realidade tão distante...Tenho essa curiosidade de saber o que se passou.”

A vontade de ter mais conhecimento sobre História levou-a também a procurar informação sobre o tempo que se viveu logo após o 25 de Abril de 1974. Quis saber o que se passou em 25 de Novembro de 1975. “Na escola não se dá ênfase a esse dia, mas perguntei ao meu pai, que me introduziu nesse tema. Qualquer extremo para nós, enquanto povo, é perigoso.” Em casa, fomenta-se a discussão, apresentam-se argumentos, debatem-se ideias, relacionam-se informações e aprende-se mais. Maria talvez venha a querer ser “juíza”, quando terminar o ensino universitário, porque é o que lhe parece ser “mais interessante” e por gostar de “equilíbrios”. Sublinha a ideia: “É o equilíbrio que nos traz paz. É no equilíbrio que queremos ficar.”

Entretanto, enquanto se prepara para o que vai ser o seu futuro profissional, diz que todos têm um papel dentro de Portu-

gal, em qualquer idade. O presidente norte-americano de 1961 a 1963, John F. Kennedy, disse: “Não pergunte o que o seu país pode fazer por você. Pergunte o que você pode fazer pelo seu país.” Maria considera que, como aluna, também quer dar o seu contributo. Como? Com um somatório de coisas que talvez possam aparentar ser pequenas. Mas o resultado pode vir a ser maior. “Posso convidar as pessoas próximas de mim a pensar, a recordar o que aconteceu dentro e fora do nosso país e suscitar a vontade de falar. Tendo o direito de falar, devemos ter uma voz ativa. É dever dos jovens motivar as pessoas à nossa volta, ganhar força e coragem para dizer o que se pensa, dar-se opinião, ter um forte sentido crítico e incentivar os outros a fazer o mesmo.”

A jovem dá o exemplo das redes sociais e da forma como estas podem ser utilizadas para estimular, também, de forma acessível, o pensamento e a discussão. “Coletivamente, podemos suscitar a atenção dos mais novos.”

Este ano, a Maria votou pela primeira vez. Sentiu que “tinha voz” e isso fê-la sentir-se “bem” consigo mesma. Salaria que “devemos sempre votar para termos um Portugal ainda mais democrático, onde as pessoas se sentem seguras por falar sobre o que pensam, onde as pessoas estão motivadas a pensar. Quero um Portugal de pessoas que procurem informação e fomentem o espírito crítico. Portugal são as pessoas. Se as pessoas caírem na ignorância, Portugal perde a força.”

VONTADE DE MUDANÇA

Simão Antunes, por sua vez, quando recorda a matéria do 25 de Abril que aprendeu na escola e o que vai ouvindo aqui e ali, o



“Quero um Portugal de pessoas que procurem informação e fomentem o espírito crítico. Portugal são as pessoas. Se as pessoas caírem na ignorância, Portugal perde a força” Maria Mourinha



“Quero um país que sobreviva à próxima década. As práticas que temos hoje em dia, tanto económicas, como sociais e ambientais não são sustentáveis” Simão Antunes



SE FAZER MAIS

que vai lendo e cruzando em diferentes fontes, comenta que “o regime político mudou bastante desde a revolução”. E acrescenta: “Creio que todas as pessoas que a fizeram tinham uma ideia para o que seria o futuro de Portugal. Havia muitas forças políticas no país na altura e é interessante ver que acabámos, mais ou menos, como outros países europeus. Não acho que o sistema político de hoje seja incrível. Creio que ainda há muita mudança para ser feita, mas definitivamente há uma melhoria comparando com o que havia no Estado Novo.” Esta foi a resposta de Simão, quando lhe perguntámos sobre o sentimento por viver no atual regime democrático.

Quando o questionámos sobre as melhorias que gostaria de ver no país, o jovem adulto responde: “A democracia funciona melhor a nível local do que nacional. O que aconselho toda a gente é a manter-se focada na sua própria comunidade. Por exemplo, a fazer voluntariado ou em ações da câmara. Que as pessoas não tenham medo de se organizar política ou apoliticamente para um certo objetivo.”

Simão, que quer seguir Matemática ou Física Teórica, confessa que já se organizou, de forma metódica, para prosseguir os objetivos com os quais se identifica. Por exemplo, esteve envolvido ativamente num protesto pelas melhorias das condições na escola, “que não tinha obras há 40 anos” e que a direção prometeu “que ficariam marcadas para 2025-26”, e já promoveu ações de solidariedade para com um colega que passou por dificuldades económicas. Repete a palavra “conselho”, em diferentes momentos do seu discurso, em jeito de alerta para todos: “O que aconselho para um futuro democrático é a ação local, para se tentar

fazer com que as coisas melhorem no futuro de cada um e no das pessoas à sua volta.”

PROGRESSO SOCIAL

O jovem acredita que estas ganas para ver acontecer as coisas a se materializarem se deve, também, ao marco histórico que lhe foi deixado em herança pelo 25 de Abril de 1974: “É uma experiência coletiva e formativa de várias gerações portuguesas, em especial dos nossos avós e até de alguns dos nossos professores. É sempre interessante falar com pessoas mais velhas para sabermos como era a atmosfera, a vida de antigamente, o pré e o pós-25 de Abril, como lidaram e se adaptaram à democracia e à liberdade.” Para o Simão, a Revolução dos Cravos é assinalável, o 25 de Novembro pouco lhe diz: “Naquela altura a instabilidade política não era agradável, mas também acho que aquilo não foi assim uma coisa tão importante, não foi um grande marco político.”

O que lhe parece mais relevante neste momento é o que quer para ele e para as próximas gerações: “Quero um país que sobreviva à próxima década. As práticas que temos hoje em dia, tanto económicas, como sociais e ambientais não são sustentáveis.” Acredita que Portugal tem de se concentrar “no progresso social” e que “deve implementar medidas que protejam todos os cidadãos, que deem àqueles que têm mais necessidades o que precisam. Devemos focar-nos no investimento local, valorizar mais as empresas portuguesas. A economia portuguesa deve ser mais fortalecida. Tendo as empresas cá, isso ajuda os portugueses a negociarem melhores condições de trabalho.”

Agora que o Simão vai para a faculdade,

sente estar mais perto dos seus propósitos. Quem sabe políticos ou outros. Tem várias janelas abertas. Depois da licenciatura e do doutoramento, diz que vai “tentar ser professor de faculdade ou fazer investigação para dar alguma coisa para o país”. Irrita-se quando ouve expressões como “isso a mim não me diz respeito”, porque para ele vale a pena fazer sempre alguma coisa, nomeadamente “com a falta de acessibilidades das pessoas com deficiência”. E realça: “Existem tantos problemas no mundo.”

O futuro universitário tem visto muito “talento português” fora do país e está convicto de que a geração dele, “quando chegar ao poder vai revolucionar a esfera política portuguesa”. De que forma? – perguntamos. “O que eu gostaria é que o poder fosse mais descentralizado, [ver] pessoas mais presentes nas suas autarquias, juntas. Automaticamente tinham de se educar mais sobre os seus problemas e ajudar diretamente as outras pessoas. Cria-se mais impacto na sociedade, quando as pessoas se conhecem e estão a trabalhar para um fim comum”, porque, destaca, “o espírito do ser humano é de entreatajuda e não de competição”.

MERITOCRACIA

Martim Medeiros está prestes a ingressar no primeiro ano da licenciatura em Engenharia Mecânica. A faculdade será para ele um lugar de aprendizagem, aprofundada, sobre o que quer fazer profissionalmente. Nada mais prático do que uma boa teoria. Acredita que é a meritocracia que o pode levar para onde os sonhos se transformam em metas e objetivos. Quer, ainda, acreditar que não é um apelido ou uma “cunha” que fazem os lugares no seu país.

É com a convicção dos 18 anos que o jovem adulto afirma: “Quero um país justo, em que as oportunidades que tenho em Portugal sejam as mesmas que tenho no estrangeiro. Quero um país pacífico, em que não haja apenas oportunidades e igualdade para com os que vêm de fora, mas também com os que estão cá dentro. Quero um país em que qualquer um, quer venha de uma família XPTO ou de um estrato social mais baixo, tenha a mesma igualdade de oportunidades. Que a meritocracia seja o maior filtro para selecionar a entrada no mercado de trabalho.”

OUVIR DIFERENTES OPINIÕES

Martim diz querer continuar a contribuir positivamente para o país, como acredita que o fez, na sua escola, no ensino secundário como membro da Associação de Estudantes e vice-presidente da Reunião Geral de Alunos (RGA). Ele e os seus colegas levaram aos alunos do agrupamento, em diferentes anos de escolaridade, iniciativas para todos refletirem sobre temas diversificados, desde o 25 de Abril de 1974 ao Dia do Pijama (esta efeméride lembra que “uma criança tem o direito de crescer numa família”): “Os debates são importantes para haver uma visão mais aberta do mundo e, também, mais convívios. A socialização é necessária para se ouvirem as diferentes opiniões.”

Ser democrata para o Martim é “ser tolerante, no sentido de dizer ‘podes ter razão, mas eu não concordo, vou dizer o porquê de não concordar e não te censuro pelo que disseste’, e ser aberto”. Para ele, a democracia tem de ser cultivada diariamente: “O 25 de Abril tem importância todos os dias, porque tenho contacto com o mundo, tenho liberdade, opinião, saúde e educação.” O 25 de Novembro de 1975 é, também, uma data relevante para este jovem: “Os valores do 25 de Abril voltaram depois do 25 de Novembro. Houve

um período muito complicado de várias revoltas, manifestações e o 25 de Novembro foi o voltar às bases.”

Martim, já com os olhos postos no que quer fazer em prol do país, afirma com veemência: “Quero mostrar que é possível fazer, ir em frente, não desistir. Temos pessoas capazes, somos tão bons ou melhores do que os outros. Quero conseguir mostrar que Portugal não é apenas um país no fim do mundo.”

DIREITO E DEVER DE VOTAR

É porque o país se desenvolveu depois da Revolução dos Cravos que Filipa Cardoso se sente “grata”, em especial aos Capitães de Abril e a todos os que transformaram a realidade feminina. “O meu sentimento é de gratidão, principalmente por ser mulher. Eu não conseguiria fazer o que faço, expressar-me ou vestir-me como quero, ou votar como votei este ano pela primeira vez, se vivesse no Estado Novo. Em termos gerais, homens e mulheres receberam a liberdade e a igualdade no acesso à educação e aos cuidados de saúde, sendo pobres ou ricos”, frisa Filipa, que acalenta o sonho de ser professora de História.

A jovem adulta, que atingiu a maioria de este ano, releva a importância de todos exercerem o “direito e dever cívico de votar, porque é uma forma de mantermos forte a democracia”. De nada vale reclamar, diz, se não se participar ativamente e não se der o seu contributo em sociedade. Antes de assinalar a cruz no boletim de voto no partido que entendeu ser o melhor para defender os seus valores, fez questão de procurar mais conhecimento. “Pesquisei informação sobre os programas dos partidos políticos. É isso que faz com que votemos em consciência.”

Filipa espera entrar no curso desejado, na primeira opção, porque sente que é uma missão ensinar as novas gerações a relacionar o passado, o presente e o futuro. “Quero ensinar aos meus alunos o que aconteceu naquela madrugada do 25 de Abril de 1974 e o que se passou depois. É graças aos capitães que fizemos o 25 de Abril que temos hoje o que temos. É um sentimento muito grande de gratidão, felicidade e orgulho por poder contar a História do país como professora.” Acrescenta que quer falar também sobre o 25 de Novembro, por entender “que devia ser mais estudado, porque nos trouxe de volta a democracia”.

PRESERVAR A FORMAÇÃO DO PAÍS

É no país que celebra este regime democrático há 50 anos que quer continuar a viver, mesmo depois de terminar o ensino superior: “Desejo que Portugal valorize os jovens portugueses, que emigram cada vez mais porque não têm condições de vida no país deles. Portugal tem de valorizar os que vêm de fora, mas também os portugueses. Os jovens têm de se sentir bem no seu próprio país. Que os governantes preservem a formação que é dada em Portugal.”

É com todos que Portugal é valorizado, opina Filipa, que fez parte do Movimento Voz aos Estudantes, onde também reivindicou por obras na escola. Vai entrar agora numa nova fase como aluna universitária. É pelo sonho que vai: “O contributo para o meu país vai ser ensinar História às gerações vindouras, quero que conheçam os erros do passado, o que aconteceu com isso e o que foi feito para chegarmos aqui. Todos têm de respeitar e preservar o que temos hoje em dia, para que possamos contribuir positivamente para a História do país.”

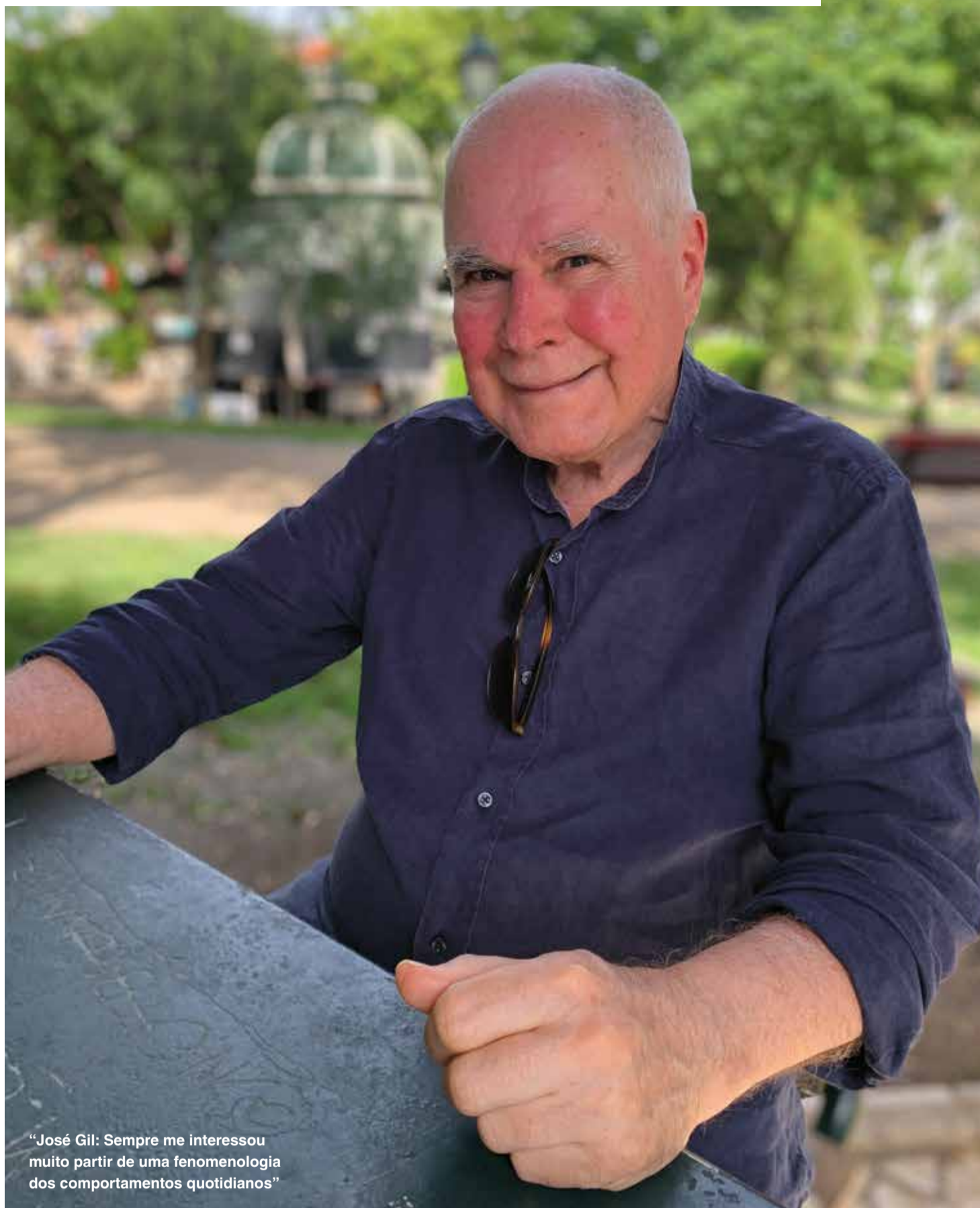
No início como no fim, volta-se a Fernando Pessoa: “Porque eu sou do tamanho do que eu vejo e não do tamanho da minha altura...” **SÍLVIA JÚLIO**



“Temos pessoas capazes, somos tão bons ou melhores do que os outros. Quero conseguir mostrar que Portugal não é apenas um país no fim do mundo” **Martim Medeiros** (À dir.) “Os jovens têm de se sentir bem no seu próprio país. Que os governantes preservem a formação que é dada em Portugal” **Filipa Cardoso**

FOTOS: DR

À CONVERSA COM JOSÉ GIL



“José Gil: Sempre me interessou muito partir de uma fenomenologia dos comportamentos quotidianos”

“HÁ UM GRANDE MEDO QUE ATRAVESSA O MUNDO INTEIRO”

Trouxemos mais perguntas do que respostas daquela hora e meia que passámos no jardim do Alto de Santo Amaro com José Gil, que *Le Nouvel Observateur* em 2005 considerou, com Giorgio Agamben e Slavoj Žižek, um dos 25 grandes pensadores do mundo. E guardámos também uma sensação: há uma grande felicidade em podermos contar com o sopro do seu pensamento

O tema desta edição justificava plenamente a conversa com este filósofo, ensaísta e professor universitário nascido há 85 anos em Moçambique: as suas obras *Portugal, o Medo de Existir* (Relógio d'Água, 2004) e *Salazar, a Retórica da Invisibilidade* (Relógio d'Água, 1995) causaram grande impacto público na reflexão e especulação sobre as consequências que a nossa história mais recente tem para o nosso viver contemporâneo. Quando o contactámos, começou por se manifestar pouco à vontade com o nosso desafio, a questão da portugalidade podia trazer de arrasto a questão da identidade, com a qual não se sentia muito confortável. Desafiámo-lo então a conversar sobre alguns dos constrangimentos que afetam a nossa relação com os outros, com o mundo:

“É possivelmente uma questão em que é muito difícil obter uma resposta interessante. Há qualquer coisa que faz com que, mesmo antes, talvez, de pensar, não consigamos obter, identificar o que nos pode unir para uma ação comum. Nós deixámos a partir de um certo momento de pensar a portugalidade, ou o destino a dar-nos a nós próprios, ou o como é que nós nos pensamos como nação e o que queremos para o futuro. E isso manifesta-se através da política, do plano político, não só do plano social, mas no plano político.”

Traça logo ali um limite. Não quer seguir o trilha do questionamento feito por Eduardo Lourenço sobre Portugal em relação à Europa, às colónias e às perdas do império. Lembro-lhe, no entanto, que são temas que estão muito incandescentes hoje. Responde de pronto:

“Eles estão incandescentes, mas enterrados, quer dizer, a incandescência não se manifesta numa expressão política. Não é propriamente o nosso futuro, como se diz, ou dizia, o nosso destino, que está em jogo nessas questões. Há uma divisão, como em muitos países está a acontecer, que impede uma comunicação que faça da nação portuguesa uma comunidade política. Essa comunidade está partida, dividida por muitas razões e essa divisão, com efeitos retardados do que se passa na Europa, nos Estados Unidos, no mundo, em Portugal, está a ter efeitos nessa impossibilidade de pensar um destino para Portugal. Repare, nos debates políticos nunca está em causa aquilo que era um *leitmotiv* do discurso político aqui há umas duas décadas, que era a visão para o futuro. Há o viver preocupado unicamente com o presente, um presente que contém em si próprio, fechado sobre si próprio, o passado e o futuro e, portanto, não tem que se projetar e anunciar-se a si próprio um futuro.”

E isso para um filósofo não é inquietante?

“Eu não sei se é inquietante, eu constato que qualquer coisa falta, mas eu não sei se o que falta eu irei buscar ou deverei buscá-lo num passado, quer dizer, naquilo que eram as ideologias. Eu acho que já não estamos no tempo das ideologias. Uma ideologia era uma visão do mundo político em que se projetava um futuro a partir de toda uma perspetiva sobre o passado. E agora não há. Olhe, repare, é uma das coisas que me deixa perplexo e não sei se tenho razões para me regozijar ou para lamentar. Peguemos num partido como o Chega. O Chega é um partido de extrema direita. Não tem uma tradição. Em Portugal a tradição é o salazarismo. Eles

bem querem ir buscar, de vez em quando, o “Deus, Pátria e Família” e coisas assim, mas não pega, ainda não pega. Estamos muito longe do que aconteceu nos anos 30 do século passado, na Europa, em que o nazismo se alimentava também com um discurso que ia fabricando sobre o passado. E isso, essa impossibilidade de criar uma ideologia, uma visão coerente, isso limita-o, mas limita-o diante de partidos que também não têm uma visão para o futuro.

Voltamos assim a essa impossibilidade de criar uma comunidade em torno de um futuro?

“Absolutamente. Quer dizer que tudo o que é no discurso dos partidos, dos grandes partidos políticos portugueses, motivo de, aparentemente, reunião à volta de uma ideia, limita-se a “vamos criar condições para que os portugueses não emigrem”. E depois não há essas condições, não criam, não se podem criar assim de um dia para o outro. Portanto, vive-se numa espécie de degradação da ideia nacional, para não falar do nacionalismo, são pequeninos nacionalismos degenerados, erodidos, que aparecem como germes do discurso e que não chega. Isto porquê? Isto levava-nos a muitos desenvolvimentos diferentes. Há uma razão, entre outras: os povos e o povo português e os povos europeus, americanos, asiáticos, os povos estão com um grande medo. Há um grande medo que atravessa o mundo inteiro. Há um grande medo diante da impossibilidade de resolver politicamente uma série de problemas imediatos e das ameaças que se vão constantemente acumulando. E as ameaças são múltiplas. As ameaças das alterações climáticas com cada vez mais ocupação no terreno espiritual das pessoas. Vai haver um dia, infelizmente, em que o nosso presente vai ser dominado, ocupado e obcecado pela impossibilidade de responder no presente aos desafios dos flagelos climáticos que estão acontecendo. Agora ainda vamos vivendo o nosso presente. Mas já há uma consciência. Veja, até porque houve uma pandemia. E a pandemia foi mundial com uma comunicação quase instantânea em todos os pontos do planeta. Tudo isto dá uma unidade na imagem do planeta que nós temos. E repare como é paradoxal. Tudo isto que dá uma unidade foi também favorecido pela possibilidade de uma epidemia mortal, letal, mundial. Quando eu disse que havia um grande medo que estava a impossibilitar os povos, e em particular o povo português, de pensar no seu próprio destino autónomo, é o que leva também cada uma das pessoas, das unidades, da família, a quererem viver o melhor possível no presente. A qualidade de vida já não é um parâmetro a adquirir e a promover para o futuro. A qualidade de vida é agora. Isto muda tudo nos portugueses que viveram na procura, que viveram na desgraça, e que procuravam o mínimo do prazer. E agora surge como um gesto de proteção contra esse medo global. Porque a ameaça que cai sobre nós ameaça-nos radicalmente. O desemprego deixa-nos completamente desfeitos. E a fome aparece. E isto tem a ver com o que nós vamos fixando na nossa memória, que é a disparidade cada vez maior entre ricos e pobres. As desigualdades que aumentam de uma maneira brutal. Uma ideia importantíssima para a formação das ideologias no século XX, era o progresso. E a ideia de progresso está a ser minada pelo que está a acontecer. É preciso um esforço enorme para viver

contente e viver entusiasmado com o progresso. Quem é o português que vive entusiasmado com o progresso que Portugal pode, de repente, encarnar e realizar? Quem é, hoje?

Uma das consequências mais perturbadoras do que está a dizer não será a de que começa a surgir um estado emocional coletivo que pode tornar-se campo aberto à manipulação?

“É mais que perturbador. É dramático, por um lado. Mas porque não perturba só. E depois, possivelmente, dá-nos uma ideia de que não se fala muito. Uma ideia de um dos fatores decisivos para o contágio e o alastramento do discurso e das práticas da extrema-direita: ela alimenta-se do caos. O Trump não é caótico, ele quer o caos de maneira não caótica, porque sabe que é produzindo o caos que ele pode proliferar. Há uma espécie de caos permanente, isto é que faz com que haja uma espécie de proliferação mundial, planetária, eu ia a dizer das ideologias da extrema-direita. Em geral não se fala nisso. E através da ideia que possivelmente vem, em parte substituir, na cabeça das pessoas a ideia de progresso, que é a da segurança. A ideia de progresso era uma esperança que trazia consigo. As pessoas sabiam porque é que existiam, porque que falavam, porquê produziam, porque trabalhavam, criavam uma família, filhos, para terem uma vida melhor. E agora a ideia que

“A QUALIDADE DE VIDA JÁ NÃO É UM PARÂMETRO A ADQUIRIR E A PROMOVER PARA O FUTURO. A QUALIDADE DE VIDA É AGORA”

permite contrapor ao caos já não é o progresso, é a segurança. O que leva aos regimes autoritários. Viu-se no Brasil. A manipulação da ideia de segurança proporciona uma espécie de solidez e firmeza às pessoas que aderem. Propõe uma adesão emocional. Fortíssima. E veja como é difícil acreditar nos programas de luta contra a extrema-direita que são propostos por tantos ideólogos, intelectuais, políticos, estrangeiros e portugueses: temos que dialogar. E dialogar racionalmente com argumentos. Isto para mim é aflitivo. Aflitivo. Porque não dá. Eu bem queria que desse, mas não dá. Porque a razão não tem essa potência emocional de adesão que tem precisamente, como disse, a manipulação do caos. E assim nós vamos ser engolidos pela extrema-direita.”

Não haverá também uma certa incapacidade de nós compreendermos como é que se vive no caos? O caos será todo ele negativo?

“Não, não, a questão é essa. Isso que nós agora vamos desenvolver aqui um bocado teoricamente é imediatamente aplicável ao plano político e ao plano do discurso político e da ação política da extrema-direita, por exemplo. É que o caos não é, se não do ponto de vista de uma ordem pré-estabelecida, não é mau. Ele é mau porque destrói a ordem estabelecida, pré-estabelecida. Mas o caos é a condição para a maior criatividade, é a condição para inovar, ter ideias novas,

criar formas novas, para procurar outros equilíbrios. Olhe, quando eu dizia que era imediatamente transferível para o plano político, quer dizer, os adeptos dos populistas não ficam perdidos pelo caos. O caos não é destrutivo para eles, o caos é uma maneira de destruir uma ordem pré-estabelecida e de se organizarem eles próprios numa unidade coesa, fortíssima, nova, que é semente do profetismo que todos esses discursos têm.

No caos há uma tal circulação de energia, de forças e de rapidez na circulação e de imprevisibilidade em que aparentemente nada é possível, que só há fragmentação, destruição, dispersão. Mas ao mesmo tempo é condição para, e nós sabemos isso pela psiquiatria, é condição para se obter uma cura mental. Todas as terapias, desde a mais primitiva, até às novas terapias, passando pela psicanálise, implicam uma viagem que vai até ao caos, que provoca o caos, e que faz do caos a condição de uma cura, de uma saúde. E quando não passa pelo caos, não cura. Portanto, está a ver a dupla vertente do caos e o que nós podemos fazer e o que ele pode fazer de nós.”

Quero ligar a questão do caos à ideia, que encontrei no seu último livro *Morte e Democracia (Relógio d'Água, 2023)*, de que criamos a imortalidade para apaziguar a nossa angústia existencial...

“Toca aí num ponto que é certamente um dos pontos mais difíceis que eu levantei, e não fiz mais do que trazer as questões que são levantadas pelas pessoas: a morte, a contingência da morte. Quando nós nos damos conta que tudo o que o homem fez e construiu se funda profundamente na ideia de sobrevivência, significa que tudo o que nós fazemos, e não nos damos conta disso, está suportado pela ideia de imortalidade. Se ninguém acreditasse que sobreviveríamos à morte, não haveria cultura, não seria possível nada. Se nós nos damos conta de que a ideia de imortalidade é uma construção que, desde os primórdios, foi necessária para o homem, então somos confrontados praticamente com a questão, teremos que ser sempre assim? Sendo que essa construção é, em muita grande parte, uma construção que permite o pior de nós. Não é só o que é bom. Então a questão que se põe é o que fazer? O que é que pode vir no lugar da ideia da imortalidade que permita a mesma segurança face à vida e ao tempo e à morte? Eu não dou resposta, evidentemente, não posso dar resposta. Mas aponto para uma certa maneira dos homens pensarem o plano das decisões políticas que organizam uma sociedade. Aquilo a que chamei imanência. Não é uma questão fácil, não está assim à vista a solução, ou se é solução sequer. Simplesmente, se reparar, há uma ideia que atravessa todas essas experiências dispare, diversas umas das outras: os planos todos da vida, da respiração, da organização mineral, da indústria, da educação, da política, da família, da sociabilidade, dos planos afetivos, o plano do comando, todos esses planos são atravessados por um elo que os liga e que tem uma palavra: a palavra ecologia. Que está por ser absolutamente explorada, porque não é a ecologia do ambiente, é a ecologia do espírito.”

Já está a colocar isso no plano da imanência...

“Claro, mas era preciso precisamente que o plano do pensamento político pudesse pensar mais além, porque isto tem uma efetividade da ação imediata, muda logo a maneira como se age. Por exemplo, a maneira como se substitui os combustíveis

fósseis em determinada comunidade por uma outra fonte de energia alternativa. Isto vai condicionar uma série de coisas, até o tipo de educação escolar, mil coisas. É um elo.”

E será que algumas das perturbações radicais que nós estamos a encontrar hoje, como essa abertura para o caos, não tem a ver também com essa antevisão de um final?

“É verdade. Repare. Isto é quase bárbaro o que eu vou dizer, mas nós tivemos, na segunda metade e durante o século XX, tivemos um enorme surto, por assim dizer, de exercício de pensamento filosófico. O século XX foi um século rico. Ora, depois disso, que é o que nós vivemos agora, o que é que há? Há uma espécie de tempos cinzentos para a filosofia. Como se a filosofia tivesse as maiores dificuldades em pensar. Eu estou a trabalhar questões que me interessam muito: como é que a filosofia, se encontra neste momento acossada pelo flagelo, pela ameaça de uma extinção da humanidade? O que é que significa isto para nós, vivendo agora, neste momento, nas condições atuais? O que é que significa pensar a possibilidade provável de uma extinção da humanidade? O que é isto? E que problemas isto levanta para o pensamento filosófico?”

Será que quando não encontramos soluções, não é também porque as procuramos sempre nos mesmos sítios? Quando olha para o mundo onde vive, tem alguma forma de procurar novas informações?

“Ah, sim. Dou-lhe um exemplo imediato, que não é para mim só, mas para muitos que se inspiram nos povos indígenas ditos exóticos, da Amazónia, dos índios, dos povos colonizados do Pacífico e de África. Nós sabemos todos que não podemos já viver como eles, mas eles têm, por exemplo, um viver ecológico extraordinário. Totalmente imanente. Depois, eu sempre fui buscar outras duas fontes. Uma é a arte. O que se passa na criação artística é de tal ordem complexo, estimulante, vivificante! Uma terceira é aquilo que tradicionalmente se chamava a psicologia da irrazão. Mas que para mim não é isso só, é também o que se passa com as crianças, com os bebés. São descobertas sob descobertas. Uma comunicação pré-verbal, por exemplo, nos animais, descobertas que nos aproximam dos animais. Ou que aproximam os animais de nós. Há também uma filosofia da botânica que está a ser cada vez mais explorada. Há também algo muito importante no meu trabalho. Sempre me interessou muito partir de uma fenomenologia do quotidiano, dos comportamentos quotidianos. O que é que se passa na perceção comum das coisas, na relação interpessoal? Num plano macro. Um plano macro que é o plano humano. Não é o plano da monumentalidade. Bom, e a partir daí, descer como análise, ver o que se passa e o que não se vê. E então descobre-se um mundo completamente diferente em que se vai encontrar estes três planos de que já falei. O que faz o primitivo, o que faz a criança, o que faz o artista.”

Chegara ao fim aquela hora e meia que o filósofo tinha conseguido libertar para estar connosco. Desliguei o gravador reencontrando-me com aquele verso de “O Guardador de Rebanhos”, de Alberto Caeiro, um dos heterónimos de Fernando Pessoa: “Pensar incomoda, como andar à chuva/ Quando o vento cresce e parece que chove mais.” **JOAQUIM PAULO NOGUEIRA**

VIAJANDO COM LIVROS

O PORTO ATÉ AOS OSSOS

Raul Brandão definiu o perfil da cidade, a relação com o Douro e o comportamento frontal dos seus habitantes. Tudo aquilo que perdura, apesar das inovações de cada época **POR ANTÓNIO VALDEMAR**

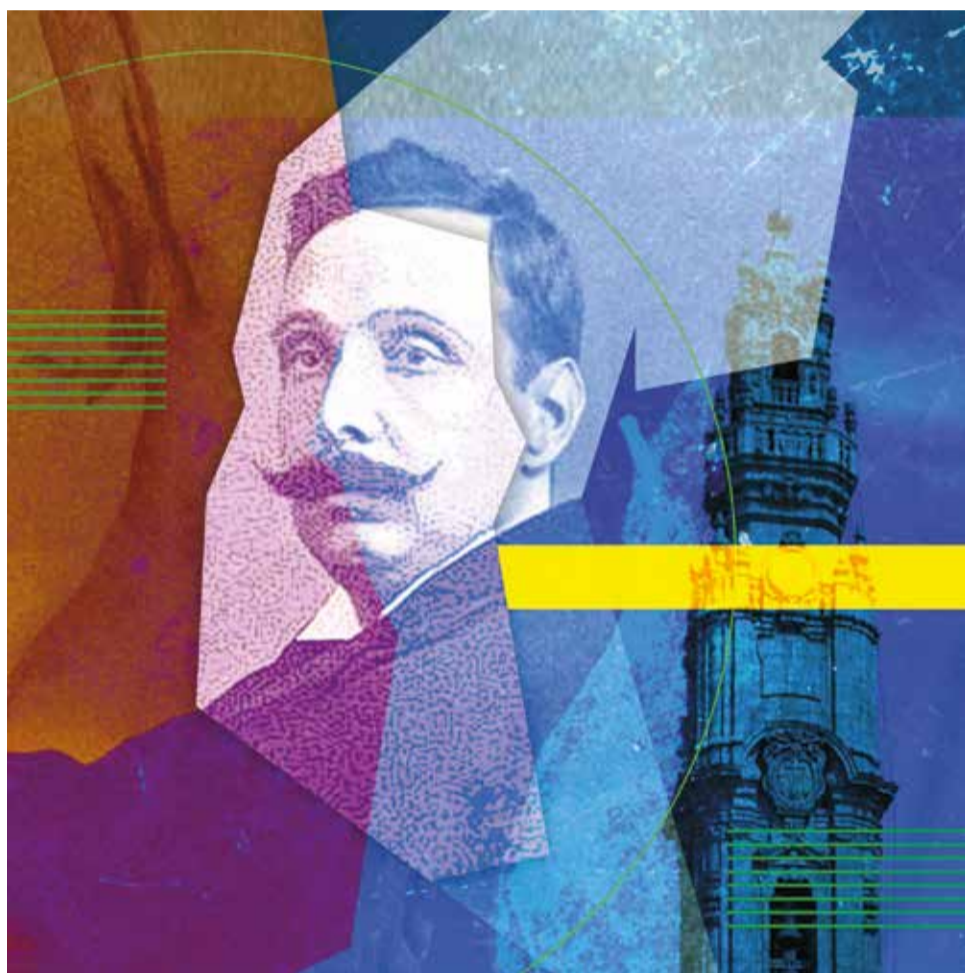
Porto tem uma história, uma tradição e um carácter muito próprios. Um dos maiores escritores portugueses, Raul Brandão enalteceu o património construído, o património natural, a relação da cidade com o Douro e a intervenção de figuras que marcaram o quotidiano e se incorporaram na memória coletiva.

Recorde-se que Raul Brandão (1867-1930) nasceu na Foz do Douro e iniciou a sua afirmação literária, no Porto. Foi no período em que colaborou na *Revista de Portugal*, de Eça de Queiroz (1889-1892) e na *Revista de Hoje* (1894-1896) que integrava o núcleo de poetas e de escritores que acompanhava as várias componentes da vanguarda simbolista. Os vínculos de Raul Brandão com o Porto seriam reforçados no convívio com Teixeira de Pascoaes, com Jaime Cortesão, com o pintor António Carneiro e outras personalidades que fundaram a *Renascença Portuguesa*, a revista *Águia* e, anos depois, a *Seara Nova*.

Durante quatro décadas (1890-1930) o cerne da sua criação ganhou expressão cada vez mais intensa em três das suas obras mais significativas: *A Farsa* (1903); *Os Pobres* (1906); e *Húmus* (1917). Circunscreveu-se à simbólica da máscara, à fatalidade da miséria e aos infortúnios da marginalidade. Aprofundou a rotina da sobrevivência e a ganância do poder; as teias da hipocrisia, o veneno do ódio, a maldição da inveja e as armadilhas da vingança. A ausência de valores éticos e de princípios morais e cívicos, a incapacidade da religião para garantir a justiça social e assegurar a igualdade de oportunidades.

O real é quase sempre fantástico na obra de Raul Brandão. Busca o que há de mais secreto em cada ser humano nas suas múltiplas dimensões. Mesmo quando deriva para a investigação histórica. É o caso do texto introdutório para *O Cerco do Porto*, do Coronel Owen (1915), que se insere no conjunto de outros livros, *El-Rei Junot* (1912) e *A Conspiração de 1817 - Gomes Freire* (1914), a propósito das convulsões revolucionárias do começo do século XIX e que mudaram, por completo, o destino de Portugal.

Também nos três volumes de *Memórias* de Raul Brandão, a realidade, volta a ser transfigurada ao fixar episódios, muitos dos quais do Porto, que ocorreram no final da Monarquia e nos anos tumultuosos da Primeira República. Reconstituiu casos insólitos nos bastidores do Parlamento, nos gabinetes de ministérios, nas tertúlias literárias, nas portas de livraria, nos camarins de teatro, nas mesas de cafés, nas redações de jornais,



Raul Brandão, por Álvaro Carrilho

nos ateliers de artistas e nos acasos das esquinas.

Multiplicam-se os episódios pitorescos, no centro urbano do Porto, no «escuro *Café Camanho*», «o refúgio dos literatos». Durante «muitas noites e, a altas horas», lá aparecia também Eça de Queiroz, «com o monóculo entalado no olho e sentando-se sozinho, pedia uma galinha cozida que comia com fome de lobo». Reproduz as rajadas sarcásticas de Guerra Junqueiro, em redor da Praça Nova: «O padre português, além de não ter convicções em se tratando da barriga, tanto lhe faz que as pessoas da Santíssima Trindade sejam três como trezentas».

Refere a erudição torrencial de Sampaio Bruno, ora a dirigir a Biblioteca do Porto, ora na padaria do pai, na rua do Bonjardim, a servir os clientes ao balcão, onde recebeu Miguel Unamuno, na primeira visita ao Porto. Desvenda-nos a intimidade severa de Basílio Teles, o notável memorialista *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro* (1905), o exemplar tradutor de grandes clássicos gregos, o comentar sagaz da atualidade política e dos movimentos económicos e financeiros. Uma vida inteira de total austeridade, até falecer em casa, na mais desoladora solidão.

A cada passo das *Memórias* deparamos observações políticas que se repeti-

ram e avolumaram até aos nossos dias: «a política em Portugal» – salientou Raul Brandão – «tem sido a mais rendosa de todas as indústrias»; os políticos sempre «mentindo, para se instalarem no poder»; para satisfazer «clientelas sôfregas, corromper o País, cada vez mais corrompido, até à medula». Cita, nomeadamente, um dos sobrinhos de Hintze Ribeiro, que «colocou toda a gente a começar pelos seus», ao ser «nomeado director da Alfândega do Porto, com quatro contos de réis anuais, o ordenado superior a um ministro».

Quase todos os historiadores, os escritores e os cronistas do Porto ocuparam-se, das origens e desenvolvimento da cidade através dos séculos; da arquitetura tão diversificada: da exuberância do barroco, da opulência dos conventos e das igrejas, do resplendor da talha revestida de ouro e da policromia insinuante dos azulejos. Raul Brandão preferiu os tipos humanos, a atmosfera espessa mergulhada nos tons baços e pardacentos do nevoeiro, aquele «nevoeiro que sobe e ascende e dá a esta cidade um não sei quê de negro e desvairado».

O rio cobre-se de uma poeira cinzenta e roxa e – recorda Raul Brandão – há na água «um faiscar de prata às chapadas onde arde lume dourado»; confronta-nos com o alvoroço da «Ribeira cheia de povo, do mulherio aos gritos»; o Douro dia e noite sempre com «grandes barcaças e vapores ancorados e, logo ao amanhecer, o cais com gente a martelar na ponte sem descanso». (...) «As ruas à noite, a altas horas, são denegridas, ermas, cheias de sombras a esvoaçar na humidade em negrumes sobre negrumes», que acentuam o rosto de uma cidade «de casas e ruas como bocas podres», mas que «se não é a mais bela, é a mais pitoresca cidade que conheço no mundo».

Mas tão diferente de outras regiões de Portugal: o Minho com a irradiação eufórica de todos os verdes; a Beira Litoral com os canais da ria a correr para o Atlântico; o Ribatejo, com a efervescência da lezíria aberta para o Tejo; o Algarve na sua plenitude luminosa e que o poeta João Lúcio exaltou perante «a água, sob as quilhas,/ com um vago rumor, cetinosa e azul,/ as líquidas canções, as finas baladilhas/ deste mar sonhador, do meigo mar do Sul». O Porto que Raul Brandão viu por fora e por dentro e até aos ossos, a cidade repleta de granito enferrujado, a «pedra pegajosa entranhada de salitre», permanece associada ao comportamento frontal dos seus habitantes, a tudo aquilo que perdura, no inesperado de cada dia, apesar das inovações que constituem o testemunho de cada época.

O REAL É QUASE SEMPRE FANTÁSTICO NA OBRA DE RAUL BRANDÃO. BUSCA O QUE HÁ DE MAIS SECRETO EM CADA SER HUMANO NAS SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES. MESMO QUANDO DERIVA PARA A INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

A CASA NA ÁRVORE

A GRANDE CORRIDA ÀS NOZES

A noqueira preta produz um fruto que nos Estados Unidos todos querem colher, mas em Portugal quase ninguém conhece **POR SUSANA NEVES**

Em 1585-86, o matemático, astrónomo, cartógrafo e linguista britânico Thomas Harriot participa no estabelecimento da primeira colónia inglesa na Virgínia (Missouri) no sudeste dos Estados Unidos. O relato dessa experiência é publicado no livro *A briefe and true report of the new found land of Virginia* (1588) e constitui um documento fascinante por descrever a riqueza natural e o modo de vida dos índios que habitavam a região. No capítulo dedicado aos frutos, o explorador e cientista britânico apresenta uma das primeiras descrições de uma árvore muitíssimo valorizada nos Estados Unidos da América e pouco conhecida em Portugal: a noqueira preta (*Juglans nigra* L.).

Thomas Harriot recorda que a espécie era abundante, representava «um terço das árvores» que se viam «em enormes bosques ao longo de muitas milhas», e que havia dois tipos de nozes: «Uma (...) tem o mesmo sabor e forma, ou faz pouca diferença das nossas aqui na Inglaterra, mas é mais dura e tem a casca mais espessa; a outra é maior e tem uma casca muito dura e rugosa, mas o miolo é maior, muito oleoso e mais doce». Acrescenta ainda algumas informações sobre o modo como os índios comiam as nozes: «Além de as comerem tal como nós o fazemos, partem-nas com pedras e esmagam-nas misturadas com água em almofarizes, para fazer um leite que usam para cozinhar sopas; e também as comem com trigo, ervilhas, feijão e abóbora, o que lhes dá melhor gosto».

Apesar deste relato de viagem quinhentista ser um documento etnográfico e dendrológico importante, o seu propósito comercial, a exploração da fauna e da flora autóctones (a noqueira preta é valorizada não pela sua beleza mas pela «excelente madeira» que poderia proporcionar, o que de facto vem a acontecer, sendo actualmente a «aristocrata das madeiras duras norte-americanas», e uma das mais caras dos EUA) apaga a ligação espiritual e panteísta dos índios em relação à natureza, e a sua atitude ecologista *avant la lettre*. Tão pouco manifesta o maravilhamento que outros viajantes não-de expressar ao encontrarem as florestas de folhosas povoadas de árvores gigantes, como a noqueira preta (a árvore oficial do Missouri) que pode viver para além dos 300 anos e ultrapassar 40 metros de altura!

A noqueira preta, assim designada devido à cor do tronco, castanho escuro, áspero e profundamente sulcado, é, como se infere, mais alta do que a noqueira habitualmente plantada em Portugal (*Juglans regia* L.); e embora tenha sido introduzida no século XVI em Inglaterra (por acção de Thomas Harriot) e, em França, no século XVIII, só nas últimas décadas do século XIX foi aclimatada no nosso país, conforme explica Adolpho Möller, no artigo “Herbario Florestal do Continente Português”, publicado no *Jornal de Horticultura Prática*, de



A noz de uma noqueira preta, ainda com casca, fotografada em Agosto, no jardim do Palácio de Beau-Séjour, em Benfica, Lisboa.. Em baixo, Retrato de um homem de 32 anos, que se julga ser Thomas Harriot, autor não identificado, 1602, Trinity College, Universidade de Oxford.

1878, onde menciona também a existência de vários espécimes no Choupal de Coimbra. Já num artigo de 1874, publicado no mesmo periódico portuense, o articulista silvicultor, responsável pela reestruturação do Jardim Botânico de Coimbra, havia incluído a noqueira preta entre as «principais essências florestais que se cultivam no paiz». O que significa que a árvore valia pela função arborizadora e qualidade da madeira, e por esse motivo, Möller não refere o seu valor ornamental, nem menciona a importância alimentar, medicinal e tintureira que tinha nas comunidades indígenas. Por exemplo, os índios Meskwaki da Virgínia usavam-na no tratamento das dores de cabeça e como antídoto contra a mordedura das serpentes; e com a casca do tronco e do fruto produziam tinta preta para tingir tecidos e pintar os cabelos. Os Cherokees faziam tinta verde com as folhas, os Lenni Lenape utilizavam-nas como repelente de pulgas e insecticida.

Árvore de pradaria e espécie ripícola, a noqueira preta não tolera a sombra, e torna-se poderosa somente quando beneficia de grandes clareiras, solos férteis e bem drenados. As suas longas folhas verdes, compostas por 15 a 23 folíolos finamente dentados (umas vezes alternados outras vezes não), tendem a pender (um pouco à maneira das folhas do ailanto) numa copa ampla que se estende com elegância e alguma gravidade. Estas folhas caducas são muitíssimo aromáticas, tal como a casca verde que envolve a noz. Trata-se de um aroma cítrico (lembra a lima), muito fresco, do qual existe uma fragrância lançada pela *American Perfumer*, em 2022.

No relato de Thomas Harriot não se re-



fer o perfume que esta árvore exala nem se descreve a apanha da noz, que constitui ainda hoje uma espécie de tradição das famílias norte-americanas, em particular, as que vivem no Missouri, onde se localiza a maior concentração de noqueiras pretas. A colheita ocorre, sobretudo, durante o mês de Outubro (embora a noz verde possa ser apanhada

a partir de final de Junho) e envolve algum esforço porque é preciso colher, uma a uma, as nozes caídas no chão, trazendo elas ainda muitíssimo agarrada a casca, verde ou já um pouco acastanhada. Uns apanham as nozes à mão, curvados, acocorados, ou de joelhos na terra, outros usam um *Nut Wizard*, um apanhador de nozes de cabo longo que tem um recipiente terminal em forma de pequena pipa metálica giratória. Algumas nozes são consumidas a nível doméstico, mas a maioria é entregue a uma única empresa, a Hammons Black Walnuts, sediada no Missouri, que as processa, vendendo em larga escala o miolo (muito usado na confecção de gelados) e as cascas lenhosas, destinadas à indústria de produtos abrasivos e de filtragem de água.

No mês de Outubro existe, por conseguinte, uma verdadeira corrida à noz, «o último fruto silvestre americano», que permite a muitas pessoas auferirem um rendimento sazonal extra e à empresa Hammons receber milhares de toneladas de nozes por ano, provenientes de todo o país. Um negócio que parece favorecer todos os elementos envolvidos, excepto, talvez, os animais roedores que também se alimentam da noz, como o esquilo raposa (*Sciurus*

niger) que, enterrando nozes no solo, como forma de as armazenar, se torna num dos maiores plantadores de noqueiras.

Enquanto os esquilos-raposa não têm qualquer dificuldade em partir a casca verde e a noz, o recolector humano precisa de esforço e engenho. Há quem coloque as nozes debaixo dos pneus do automóvel e passe por cima delas para fazer soltar a casca, outros recorrem a uma escova metálica. A partir daqui é fundamental usar luvas de borracha, de outra forma as nozes tingem as mãos de castanho. Seguem-se lavagens sucessivas das nozes para as limpar e poder armazenar, durante duas ou três semanas, num local arejado e inacessível aos esquilos! Até que por fim, com uma pedra, martelo, machado ou quebra-nozes parte-se a noz e come-se o miolo, de gosto bastante intenso. Considerado um “super alimento”, é rico em proteínas, e polifenóis, que o tornam num poderoso anti-inflamatório, antioxidante, antibacteriano e anticancerígeno.

Por muito que pareça vantajoso ter uma noqueira preta, árvore de crescimento rápido, monoica, ou seja, hermafrodita (embora as florações feminina e masculina não ocorram ao mesmo tempo, o que obriga à plantação de pelo menos outro espécime) é importante considerar que as raízes desta árvore produzem *juglone* em grande quantidade; uma substância química tóxica que inibe a germinação de sementes de algumas plantas (tomateiros, macieiras, pinheiros, entre outras), permitindo-lhe reservar a área de solo indispensável ao seu crescimento. Este carácter alelopático das suas raízes (e também das folhas e cascas da noz) não significa que à sua volta nada cresça, pelo contrário, o jacinto selvagem, as clematites e muitas outras flores apreciam a sua companhia e, nas florestas norte-americanas, durante o Outono, o contraste das folhas amarelecidas da noqueira preta com as folhas vermelhas dos áceres-prateados e o castanho dourado das copas das faias e dos tulipeiros, comprova a sua harmoniosa convivência com outras espécies arbóreas.

Uma noqueira preta é, por conseguinte, uma espécie arbórea territorial, que sinaliza sempre a existência de um solo profundo, extremamente fértil. Ao mesmo tempo, para o estudioso, a noqueira preta também evoca a memória dos povos nativos norte-americanos como os Meskwaki da Virgínia que comiam nozes não só para se alimentarem, mas para assimilarem a força vital da floresta, a visão da águia e a velocidade de corrida do esquilo. A velocidade na corrida era essencial para o índio guerreiro e caçador e como nota curiosa, entre os Meskwaki havia três tipos de índios corredores cerimoniais: o corredor abençoado pelo vento, o corredor abençoado pelo veado e o corredor abençoado pelo colibri. Corriam para caçar, transmitir mensagens e também para fazer chover!

[A autora escreve de acordo com a antiga ortografia]

MEMÓRIAS DE JÚLIO ISIDRO

ANA FARIA

OBRA GRANDE PARA GENTE PEQUENA



Viveu com amor pela música, também pela pintura e tem obra maior do que aquilo que o grande público sabe dela.

Recusou sempre a luz dos holofotes, o dar nas vistas, aquilo porque que tantos lutam desesperadamente. O conhecimento que fomos tendo desta artista doce e discreta, foi a apenas inevitável consequência de tantos projectos em que se empenhou.

A primeira vez que a vi, cantava no mítico programa da RTP ZipZip, a canção de embalar de José Afonso. O Zip foi o primeiro programa da televisão em Portugal que divulgou cantautores e músicos que pelas suas opções estéticas não faziam parte dos elencos habituais dos programas de variedades... exemplos de Manuel Freire, Hugo Maia de Loureiro, Pedro Barroso entre outros.

Recordo o momento em que a Ana esteve ao meu lado num palco, no cinema Nimas no programa Febre de Sábado de Manhã em 1981, com o grupo Terra a Terra.

Ao contrário do que parece instituído, a Febre lançou e divulgou muita música e músicos de diversas áreas, não apenas do rock.

A chamada Música Popular Portuguesa foi por mim largamente acarinhada com actuações de grupos como a Brigada Vi-



tor Jara, a Ronda dos 4 caminhos, Bago de Milho, Romanças e o Grupo de Cantares de Manhouce com Isabel Silvestre, apenas para citar alguns.

E o "pessoal da pesada" estava tão aberto ao "Chico fininho" do Rui Veloso como ao "Dançando pulirando" dos Terra a Terra.

Lá estavam entre os 17 elementos, o Mário Piçarra e a Ana Faria, dois nomes de vulto na nossa música, agora juntos num grupo que de Terra a Terra, passou a ser Estrelas a Estrelas.

Fundadora do coro Jovens cantores de Lisboa, fez da música um acto permanente de partilha.

Anos depois do Terra a Terra nasceu um

clássico da música infanto-juvenil o álbum "Brincando aos clássicos" onde a catalogada música de elites – para muitos aquela coisa chata que não se compreende – era interpretada com letras e arranjos que a miudagem entoava com prazer... obra da Ana.

Estávamos em 1982 e o álbum trazia adaptações de árias como "La donna é mobile" da ópera *Rigoletto* de Verdi. Ainda há quem cante o refrão... Luís quer ir a Paris. E assim, a brincar a brincar, se abria o gosto por obras como a marcha turca de Mozart ou o Hino à alegria de Beethoven.

Seguiram-se "Os queijinhos frescos" com os três filhos da autora, o João, o Luís e o Pedro, mais um projecto de sucesso, sendo que uma música foi adoptada para o indicativo do famoso programa para jovens da RTP o Jornalinho.

E os Onda Choc?!

Na linha dos Ministars que tinham aparecido no início de 1986, Ana Faria e o marido Heduíno Gomes, criaram este grupo de crianças e adolescentes que rapidamente se transformaram nos ídolos da pequenada da época.

Faziam versões em português de canções populares internacionais e a fórmula resultou em pleno. "Bikini às bolinhas amarelas", ou "Ela só quer, só pensa em namorar" eram cantados em muitos la-

res e escolas do país. Venderam mais de um milhão de cópias e dos 200 elementos que passaram pelo grupo, alguns fizeram carreiras de sucesso como o Pedro Camilo, a Micaela e a Marisa Liz que decerto choraram a partida da menina senhora que lhes deu a mão para o futuro.

É vasta a obra que nos legou a Ana Faria, sempre com o objectivo de nos divertir e ajudar a crescer os nossos filhos e netos de forma intelectualmente saudável, valorizando a música portuguesa.

Hoje valeria a pena reouvir a Ana Faria a cantar "Avé Maria do povo" com a sua voz doce e presença discreta tal como em 1969 no ZipZip.

Quero acreditar que haverá muitos a perguntarem-se... quem era a cantora e pintora que faleceu aos 74 anos... ah, agora já sei!... é a senhora que inventou os Onda Choc aqueles discos que temos aí em casa, não sabemos onde?... e não era também uma das vozes daquele grupo(?) que cantava "Lá vai Jeremias"?

É na morte que renascem as memórias... infelizmente. A Ana Faria encantou muitas crianças, hoje adultos deste país onde cantar com alegria pode ser uma forma de encontro.

[O autor escreve de acordo com a antiga ortografia]

HOTÉIS INATEL

A sua casa de férias

**ATÉ OUTUBRO,
DESCONTOS ATÉ 30%***

Reserve Já:

Hoteis.inatel.pt | nos Hotéis INATEL | nas INATEL Locais

*Consulte os Hotéis INATEL aderentes, períodos e condições nos Hotéis INATEL, em hoteis.inatel.pt ou nas INATEL Locais

+INFO: 210 072 387** | 210 027 000** | hotelaria@inel.pt

**chamada para rede fixa nacional

FUNDAÇÃO **INATEL** | INOVAÇÃO SOCIAL | TURISMO | DESPORTO | CULTURA

ACA DE MI A

Braga
Évora
Faro
Horta
Lisboa
Ponta Delgada
Porto

**INSCRIÇÕES
ABERTAS**

2024/2025

Formamos para as Artes e Cultura

**MÚSICA | TEATRO | DANÇA | PINTURA | FOTOGRAFIA
E MUITO MAIS**

ENTREVISTA GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

“OS PORTUGUESES FORAM SEMPRE PESSOAS DE MOVIMENTO”

O professor catedrático de História da Cultura Portuguesa da Universidade Lusíada e administrador executivo da Fundação Gulbenkian ajuda-nos a compreender quem somos, por que razão tomamos decisões que nos abrem ao mundo, qual a relevância da nossa língua no futuro e recorda que a hospitalidade e o universalismo fazem parte do nosso código genético

A porta está aberta para nos receber no seu gabinete, na Fundação Gulbenkian, em Lisboa. O cumprimento é afável. Lembra-nos aqueles professores que passaram pelo nosso percurso e sabem que uma boa comunicação é feita olhos nos olhos, com respeito e compreensão. Palavras que, aliás, diz e escreve repetidas vezes. Tem um caderno de apontamentos redigidos a tinta preta à sua frente, enquanto decorre a entrevista. Enfatiza que é o planeamento e a preparação que nos levam a novos territórios e ao outro. O tempo, a reflexão e a decisão contribuem para sermos o que quisermos. “Somos porque queremos. Seremos enquanto quisermos!”, evoca Alexandre Herculano.

Para este diálogo são chamados vários nomes da cultura portuguesa, em especial os poetas, porque continuam a ensinar-nos que “Portugal deve ser capaz de ser amanhã melhor do que hoje”.

Alexandre O'Neill escreveu em *Feira Cabisbaixa*: “País por conhecer, por escrever, por ler...” Nós, portugueses, temos pouco autoconhecimento? O que está por conhecer, por escrever, por ler sobre Portugal?

Falta sempre tudo. Temos sempre um conhecimento imperfeito das coisas...

A “maravilhosa imperfeição” de que falava Eduardo Lourenço?

Que dizia que, afinal, não somos melhores nem piores do que os outros. Somos nós mesmos e temos de o assumir com todas as consequências.

Começamos bem, com Alexandre O'Neill, um grande escritor, poeta. É este o ano do seu centenário, não tem sido muito recordado, mas merece. O século XX é muito marcado por ele. Refletiu profundamente sobre Portugal, sobre o que somos nessa imperfeição de que falava Eduardo Lourenço. Alexandre O'Neill foi quem melhor definiu o português contemporâneo.

O que lhe parece mais luminoso e sombrio nas reflexões de Alexandre

O'Neill sobre nós, portugueses?

A compreensão de que nem somos melhores nem piores do que os outros, temos aspetos positivos e negativos. A ideia de que somos o remorso de nós mesmos é muito forte e caracteriza bem quem somos. Não compreendemos a cultura contemporânea em Portugal se não entendermos Alexandre O'Neill, ligando-o a este tempo em que celebramos os 500 anos de Camões, um dos grandes poetas mundiais.

A nossa língua é das poucas do mundo que nasceu a partir da experiência dos trovadores. Ao nascer com a poesia, o rei D. Dinis, ele mesmo poeta, decidiu, de forma pioneira, adotar a língua comum, vulgar, como oficial. Isto determina uma evolução extraordinária da língua. Vemos na poesia a maturidade da língua portuguesa com Camões. E Camões vai buscar a tradição dos trovadores, as cantigas de amigo, amor, escárnio e maldizer. Simultaneamente utiliza a medida nova de Francesco Petrarca que tinha sido introduzida entre nós por Francisco Sá de Miranda. Daí atingirmos muito cedo a maturidade da língua, na poesia com Camões e na prosa com o Pe. António Vieira. É muito interessante quando lemos contemporâneos de Sá de Miranda ou de Camões ou, ainda, de Pe. António Vieira, e percebemos que estamos muito avançados.

Sermos Estado-nação há quase 900 anos e termos maturidade na nossa língua, como mencionou, ajudam a explicar a nossa solidez e “coesão”, enquanto país? “Coesão”, sublinho, entre aspas, porque talvez não seja a palavra mais adequada...

A coesão é um dado. Apesar de tudo, deve ser analisada com cuidado. Temos uma História complexa feita de um *melting pot*, ou seja, um cadinho. Uma vez que somos finisterra. A ideia de finisterra é importante, porque há uma convergência de vários fatores. Portugal fica na orla marítima...

Faço a ponte para Orlando Ribeiro.

O geógrafo escreveu em *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* que “disposto

de través na zona mediterrânica, bem engastado numa península que é como a miniatura de um continente, o território português abre-se para o mundo por uma vasta fachada oceânica”. Foi a nossa geografia que mapeou, influenciou as nossas decisões.

Sem a geografia não podemos compreender como nascemos. Orlando Ribeiro, ao encontrar esta relação entre Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, compreende este *melting pot*, esse cadinho que referi e que é a chave de algo particularmente importante: a hospitalidade. A hospitalidade é uma consequência e exigência da própria diversidade.

Mudámos quando entrámos na Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986?

Lorenzo Natali, comissário europeu do alargamento aquando Portugal e Espanha entraram nas comunidades europeias entre 1985-86, dizia que ambos mudariam de natureza – e mudaram. Portugal e Espanha têm uma projeção extraeuropeia insofismável. No final do século XXI, teremos mil milhões de falantes das línguas ibéricas. A língua portuguesa e a espanhola não são conflituais, são complementares. Salientava isso quando fiz formação para os leitores de Português no mundo. Mostrava dois mapas, um da Península Ibérica e outro da América do Sul. Na Península Ibérica temos Portugal e Espanha (com as suas autonomias) e na América do Sul temos um país de língua portuguesa (Brasil) e muitos países fragmentados com as línguas hispânicas. Isso significa uma herança muito

importante. É a coesão, o aspeto que referia. A coesão linguística e cultural no que se refere ao Português e à projeção da língua no mundo, designadamente na América do Sul e em África. O Atlântico Sul será no final deste século um rio de língua portuguesa, uma vez que Angola conhecerá nas próximas décadas um crescimento muito significativo de população falante do Português. África terá grande crescimento. Naturalmente, a língua portuguesa também será beneficiada.

A nossa língua portuguesa terá um futuro auspicioso?

Terá um futuro importante. No futuro tudo corre como deve correr. Há coisas boas e menos boas. A grande lição de Eduardo Lourenço, quando olha o futuro de Portugal e fala na maravilhosa imperfeição, diz: “Cuidado. Não nos fiquemos por esta dualidade.”

Que dualidade é esta, tão nossa, que ora sentimos que somos os melhores do mundo, ora sentimos que somos os piores do mundo?

Lídia Jorge diz que temos de recusar a transição entre o lixo e o luxo. Nós não fomos uma realidade fora do comum. Fizemos o que fizemos, fomos pelo mundo, porque estamos na Península Ibérica, nesta orla marítima, e tivemos de partir. Tivemos instinto de sobrevivência – o Atlântico Norte é um mar extremamente perigoso. Fomos para o mar através de dois instrumentos importantíssimos: a vela triangular, que nos permitia bolinar, e o astrolábio, para navegarmos fora da costa e não nos perdermos no mar. Por isso, pudemos ir às ilhas e regressar, depois partir à descoberta. Não deixemos de usar esta palavra. Às vezes temos medo do uso das palavras. Descoberta porque nós descobrimo-nos...

O que está a querer dizer é que nós, portugueses, descobrimo-nos com o outro?

Exatamente. A ideia de aventura e de descobrimento é a de nos irmos descobrindo a nós mesmos. Faz parte da nossa identidade. Temos extraordinários

“PORTUGAL TEM NA SUA GENESE UMA IDEIA DE ABERTURA, COSMOPOLITISMO, UNIVERSALISMO”

PAULO LIVRAMENTO



exemplos na ciência. Recordo três: Pedro Nunes, Garcia de Orta e D. João de Castro.

Lembro-me de conversar longamente com o meu querido e saudoso amigo, referência fundamental na história contemporânea portuguesa, José Mariano Gago, que acreditou que Portugal pudesse dar cartas também no domínio científico, em cooperação com os outros. Hoje, a ciência não se faz individualmente, faz-se em cooperação, em abertura. Por isso a cultura portuguesa não pode ser compreendida – voltamos ao nosso Alexandre O'Neill – sem esse triângulo crucial: cultura, ciência e educação.

Voltando atrás, quando lhe perguntava sobre a dualidade de ora nos considerarmos os melhores ou os piores, o que isso diz sobre a nossa identidade? É algo compreensível, tendo em conta uma História muito rica que tivemos. Somos um país antigo que,

naturalmente, tende a comparar-se, porque teve momentos melhores e piores. Volto a Eduardo Lourenço quando falava na maravilhosa imperfeição. Ele chama-nos a atenção de que temos de continuar, não desistir, trabalhar persistentemente, sermos exigentes, avaliarmo-nos. Muitas vezes temos a tentação de não nos avaliarmos – e a avaliação é fundamental. Tive responsabilidades na Educação e uma das preocupações que continuo a ter é a de sermos mais exigentes na avaliação. Avaliar é definirmos objetivos, sabermos quais os meios para os atingirmos e vermos em que medida é que atingimos ou não satisfatoriamente essas finalidades.

O Prof. Guilherme d'Oliveira Martins gosta de citar Pe. António Vieira nas suas obras, designadamente em *Portugal – Identidade e Diferença (Gradiva)*, que vem a este propósito: "Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande

escrúpulo os ministros é dos pecados do tempo, porque fizeram no mês que vem o que se devia fazer no passado; porque fizeram amanhã o que havia de fazer hoje..." Esta situação mantém-se em certas situações. Qual é a sua percepção? Parece que estamos sempre no mesmo. Porquê?

Porque o mundo não para.

Considera, então, que não se deve dramatizar?

Não. Devemos, sim, garantir a exigência e recusar a mediocridade. A mediocridade é paradoxal, porque aparece não apenas quando desistimos mas, simultaneamente, quando definimos objetivos irrealistas ou quando acreditamos numa espécie de providencialismo, messianismo, como se houvesse soluções mágicas. Não há soluções mágicas. Se houvesse soluções mágicas não seríamos o que somos. Nós somos o que somos. Um dia, os nossos irmãos espanhóis perguntaram a Alexandre Herculano porque é que existimos: "Porque é que vocês existem, têm a vossa independência? Podiam também fazer parte das nossas autonomias." Herculano dizia: "Somos porque queremos. Seremos enquanto quisermos!" Este ponto é muito importante. É como a democracia. Não se pense que está adquirida para todo o sempre, é enquanto quisermos. Daí a importância da avaliação. Não tenhamos medo de ter mais formação. Nunca há excesso de formação. Uma das minhas filhas vive na Holanda, é artista plástica, mas continua a ter a sua relação com Portugal. Não devemos ter medo deste mundo de movimento. Os portugueses foram sempre pessoas de movimento. Eu andei pelo mundo, conheço razoavelmente os vários continentes. Nunca houve um continente em que não tivesse chegado sem encontrar um português. É esse português que vive e está em toda a parte, que é capaz de corresponder aos desafios perante os quais se encontra.

Falava há momentos do aspeto mágico e recordo Jorge Dias em *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, que escreveu que "o português gosta de fazer projetos vagos, castelos no ar que não pensa realizar. Mas no seu íntimo alberga uma secreta esperança de que as coisas aconteçam milagrosamente". Apesar de todo este movimento, da descoberta do outro noutras culturas, tem a percepção de que ainda somos assim?

Cada vez menos. Vejo nos mais jovens a compreensão exata de que tudo depende muito do trabalho e da formação. Estou de acordo com a análise essencial do Prof. Jorge Dias, mas ele fala de estereótipos, elementos que correspondem a uma certa simplificação. Não podemos esquecer o Auto de Mofina Mendes [de Gil Vicente], como símbolo dos castelos no ar... É indispensável compreendermos o domínio do sonho e da realidade, essa complementaridade. Daí a importância da literatura, da reflexão, de nos conhecermos, como falava Alexandre O'Neill. O meu amigo José Pacheco Pereira tem salientado: não desvalorizar o tempo e a reflexão. Todas as decisões precisam de tempo e reflexão.

Faz parte das nossas características a ponderação?

Tem de fazer. Eu não acreditaria na educação se não pensasse no papel pedagógico da reflexão. Insisto em recusar o fatalismo do atraso. O Prof. Jaime Reis, grande economista, estudou

com particular cuidado as razões do atraso português. Em primeiro lugar, não há no atraso português uma só razão. E, em segundo, o atraso português supera-se com aprendizagem e experiência. Quando o Prof. Mariano Gago começou o seu trabalho persistente, as pessoas descreiam de que Portugal pudesse ter resultados positivos relativamente à ciência. Recordo que eu, tendo responsabilidades nas Finanças, trabalhei muito com o Prof. Mariano Gago e lembro que ele não perdia um cêntimo nos seus projetos. É possível combater o desperdício e tenho experiência de que há resultados positivos quando queremos utilizar bem os recursos.

Quando pensa em Portugal e na portugalidade, que janelas se abrem no seu pensamento?

Eu gosto muito de Portugal, sobretudo porque tive possibilidade de encontrar referências extremamente importantes. Já falámos de várias; ainda não falámos de outro amigo, que não posso deixar de recordar, Agostinho da Silva e, também, António José Saraiva, Alçada Baptista... Todos eles me ensinaram muito. Por um lado, não nos devemos levar demasiado a sério. Por outro, devemos recusar o fatalismo. Portugal não deve ser idealizado. Portugal deve ser capaz de ser amanhã melhor do que hoje. Volto ao Herculano, quando ele diz: "Somos porque queremos. Seremos enquanto quisermos!" Ou seja, não podemos desistir. O planeamento estratégico é absolutamente fundamental. Saber para onde queremos ir. Temos de recusar o improvisado.

Mas não se diz tantas vezes que Portugal é o país do improvisado?

Portugal foi sempre o país que demonstrou que só pode ser grande se não improvisar. Lembremos D. Manuel. Quando chegou ao seu reinado, consultou os seus conselheiros e perguntou: "Devemos ir à Índia?" Os conselheiros responderam: "Não devemos ir à Índia." D. Manuel disse compreender as razões deles, mas afirmou: "Vamos à Índia." A consulta e a reflexão são importantes, mas a decisão também. D. Manuel ouviu e tomou a decisão – estava certo. Voltamos sempre à ideia da educação, ciência e cultura. É a capacidade de visão... Voltamos ao nosso rei D. Dinis quando, de forma pioneira, disse para adotarmos como língua oficial a língua vulgar, do povo, dos poetas.

Perante o que temos vindo a lembrar sobre a nossa História, quando falamos de portugalidade a que nos referimos?

Referimo-nos a uma realidade complexa e aberta. É complexa, pela sua diversidade histórica. Aberta, porque não há portugalidade se se fechar sobre si mesma. Portugal fechado sobre si mesmo apouca-se e empobrece. Portugal tem na sua génese uma ideia de abertura, cosmopolitismo, universalismo, aquilo que Jaime Cortesão designava como os fatores democráticos da formação de Portugal.

As novas gerações que fazem programas Erasmus, que viajam pelo mundo, que conhecem outras realidades, os jovens que emigram em busca de novas oportunidades de futuro, vão transformar a dita portugalidade?

Estão a transformar a portugalidade através da ideia de abertura e da compreensão da complexidade. A ideia de portugalidade é de humanismo universalista. **SÍLVIA JÚLIO**

SOCIEDADE

GASPAR VARELA



“O DESTINO
SOMOS NÓS, QUE
O CONSTRUÍMOS”

Jovem músico, considerado virtuoso da guitarra portuguesa, aos sete anos acompanha Celeste Rodrigues (bisavó), na Gala de Prémios da Rádio Amália. Aos 15 anos faz uma digressão com Madonna. Depois lança um álbum. Em 2021, cria a banda Expresso Transatlântico e continua a tocar com Ana Moura. E aos 20 anos sabe de um “caminho que ainda temos de construir”

Naquele momento, o nosso entrevistado terminava uma sessão de misturas, para o filme-concerto do Expresso Transatlântico. Inicialmente quiseram fazer “uma live”, conta, “depois pensaram em adicionar elementos dos videoclips que têm vindo a fazer, e Sebastião [Varela, seu irmão] realizou o filme”, cuja apresentação está prevista entre final de outubro, início de novembro.

Neste dia cálido de verão, muitos portugueses circulam pelas estradas do território nacional. Enquanto uns partem do interior rumo ao litoral, do Norte em direção ao Sul, outros atravessam as fronteiras, regressando às terras lusas para passarem férias. Que sentimentos de afinidade temos por Portugal? Quem compôs cartas de amor dedicadas ao país?

Miguel Esteves Cardoso escreveu *Uma Carta de Amor para Portugal*: «Amo-te por seres Portugal e estares cheio de portugueses a falar português. Não há nenhum outro país, por muito bom ou bonito, onde isso aconteça. [...] O Portugal que eu conheço e descrevo é apenas o Portugal que eu julgo, se calhar, conhecer (pouco) e descrever (mal). [...] Tanto te faz que o retrato seja feio ou bonito, desde que seja de ti. Quanto mais variados forem, mais gostas. Até tu, nas tuas paisagens, varias e hesitas tanto e recusas-te a decidir, como quem não tem pressa e, no fundo, não escolhe nem decide, porque quer tudo» (*As 100 Melhores Crónicas*).

Gaspar gosta do país onde vive por ter muita multiculturalidade. Isso agrada-lhe. Também gosta de ir ao Norte ou ao Alentejo “e encontrar a nossa cultura

FOTOS: ©FUNDAÇÃO INATEL

A música é transversal, sem muros, nem fronteiras. Os jovens deste país continuam a surpreender-nos com a formação de novos grupos com muita determinação, energia e talento. A “música é o verbo do futuro”, previu Victor Hugo.

A banda Expresso Transatlântico recebeu o prémio Inatel no Iberian Festival Awards, em 2023, abrindo a porta a uma semana de residência artística no Hotel Manteigas, em fevereiro último. Sublinha: “Adorámos, é uma ótima iniciativa da Inatel! Estás ali fechado para compor e saís de lá com muitas ideias. O *videoclip* de *Porque Nada Tem Um Fim* foi filmado durante essa residência, em que tirámos um dia de descanso para compor”. Filmaram uma atmosfera carregada de força telúrica e a serra da Estrela coberta de neve. “É incrível, basta apontar a câmara e está feito.”

A celebração da obra musical de Carlos Paredes começa em breve. No próximo ano comemora-se o centenário do compositor e guitarrista nascido em 16 de fevereiro de 1925. A propósito de um dos símbolos ímpares da cultura portuguesa, Gaspar revela: “Em todos os concertos da minha banda faço uma homenagem ao Carlos Paredes, e toco um tema dele. Quero celebrar sempre o máximo possível.”

O próximo concerto do Expresso Transatlântico está marcado para 14 de setembro, no Campo das Cebolas, perto do Museu do Fado, em Lisboa.

COMER, JOGAR E VIAJAR

Gaspar Varela tem hoje uns redondos 20, em 25 de setembro completa 21 anos. Questionado se alguma vez sentiu pressão de crescer, admite que sim “quando era mais novo, para sair e beber uma cerveja” [risos]. Na nossa geração alguns de nós queríamos crescer depressa. Chegar rápido aos 18 anos, para ir ao cinema ver as estreias que os adultos tinham direito de assistir. A geração do Gaspar não precisa de sair, podem ver os filmes “em casa”. Concordámos que a experiência não é comparável. Defende que a sua geração “também vai ao cinema, pouco, mas vai”. E salienta: “Eu faço questão de ir, às vezes”. Nos tempos livres também gosta de “surfear” e “jogar futebol” com os amigos.

Propomos um jogo: uma palavra que exprima o sentimento de memórias que guarda para cada um dos temas que escolhemos. Primeiro, para *Fado Pechincha* (Madonna, Lisboa, 2020) opta por uma palavra refletida: “Saudade.” Segue-se *Canção de Embalar* (Agir, 2021) em que atira uma palavra profunda: “Emocionante.” Depois, para *Barquinha* (Expresso Transatlântico e Conan Osiris, 2022) traça uma palavra sorridente: “Orgulho.” E para o tema *Andorinhas* (Ana Moura, Paris, 2023) voam duas palavras que se metamorfoseiam numa palavra jovial: “Divertimento.” Por último, para *Porque Nada Tem Um*

“EM TODOS OS CONCERTOS DA MINHA BANDA FAÇO UMA HOMENAGEM AO CARLOS PAREDES, E TOCO UM TEMA DELE. QUERO CELEBRAR SEMPRE O MÁXIMO POSSÍVEL”

Fim (Expresso Transatlântico, 2024) lança uma palavra esférica: “Melancolia.”

Gaspar tem os seus “momentos de melancolia” que são sempre ultrapassados ouvindo música. A escolha é feita no momento, depende muito do que lhe apetece ouvir na altura, “tanto pode ser Fado, como *Indie rock*”, “raramente” música clássica, é mais “andar de carro” e ligar a Antena 2.

Durante nove meses acompanhou Madonna numa digressão, entre os EUA e a Europa. Nos primeiros três meses “acompanhou os processos criativos da tour” e de Nova Iorque recorda que é uma cidade “incrível para as artes, em cada esquina há arte a acontecer”. Nos países europeus da tournée, teve mais tempo para “ir aos museus, passear e tentar ver o máximo de coisas.” Nessa altura, foi a Paris pela primeira vez, agradou-lhe a elegância da cidade, “a maneira muito livre de se vestirem e apresentarem”. Aprecia a arquitetura, os museus, “toda a arte”. E acrescenta: “Estou sempre curioso de procurar mais à minha volta.” Anos depois, voltou à capital francesa para acompanhar Ana Moura.

Ao longo da tournée com Madonna lembra-se que sentiu “saudade” de ir a um restaurante que gosta de frequentar com os amigos e a família... “Cenas de um puto de 16 anos” [risos]. Aprecia a gastronomia portuguesa? Claro que sim. Gosta muito de comer. Explica: “De Norte a Sul encontramos pratos incríveis. Podes ir à Argentina e comer carne em Buenos Aires, mas não há nada como uma posta mirandesa. Também temos um peixe incrível que é ótimo cozinhado da forma mais simples, basta ter carvão, grelha e sal.”

GRANDES PAIXÕES

Num livro aberto, encontrámos um tema do agrado do jovem músico: «Assim como

lavamos o corpo devíamos lavar o destino, mudar de vida como mudamos de roupa» (Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*). O que é o destino? Gaspar tem uma resposta: “É o caminho que ainda temos de construir, porque o destino somos nós que o construímos. Está nas nossas mãos construir o nosso destino.”

Aprender a tocar guitarra portuguesa, declarou várias vezes, teve o propósito de acompanhar a fadista Celeste Rodrigues que cantou até aos 95 anos. Os últimos concertos no derradeiro ano de vida foram em Town Hall, Nova Iorque, 7 de abril, e Teatro Tivoli, Lisboa, 11 de maio de 2018.

Dos fados cantados pela bisavó de quais imediatamente se lembra? *Praia de Outono*, *Lenda das Algas*, *A Noite do Meu Bem* – “que ela cantava bem mais velhinha”, *Reza Por Mim* – “não é criação dela, mas incluiu no reportório”, *Se Alguém Me Procurar*, *Gaivota...* Quase murmura: “Muitos temas remetem para a voz da minha avó.”

Do poeta Nuno Júdice, que entrevistámos para o *Tempo Livre*, em 2021, elegemos *in memoriam* o poema *Numa esquina do inverno, encontrei a primavera*: «Pudessem abrir-se as portas da noite, e ouvir o que cantam as mais longínquas aves, ou o cego rumor dos canaviais, ou um rastejar de répteis nos buracos dos muros: e dar-te-ia essa música de que é feita a sombra...» (*A Convergência dos Ventos*). Gaspar comenta: “É muito bonito! [sorrisos] Há certos poemas que conseguem criar as imagens na tua cabeça. Isso existe muito no fado. Uma parte muito importante do fado é a poesia.” Logo vem à nossa memória um fado cantado pela tia-avó, cujo poema de Pedro Homem de Mello foi celebrizado pela voz de Amália Rodrigues: «No meio da claridade / Daquele tão triste dia / Grande, grande era a cidade / E ninguém me conhecia...» (*Fria Claridade*).

Gaspar Varela foi convidado de honra do programa *Músicos no Palácio de Belém*, em 12 janeiro de 2023, no Antigo Picadeiro Real, onde interpretou um tema musical para guitarra portuguesa, na presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que “sublinhou o papel da música e dos músicos na construção da identidade cultural portuguesa” [Site Oficial de Informação da Presidência da República Portuguesa].

O sonho de ser músico realizou-o muito novo. A paixão musical herdada da família acompanhou o seu crescimento emocional e artístico. Cantar é outro desejo. A vontade persiste? Confirma que “ainda se mantém” um sonho do presente. Durante as comemorações do quinto centenário do nascimento do poeta, evocamos Luís de Camões: «Cantando espalharei por toda a parte, / Se a tanto me ajudar o engenho e arte.» (*Os Lusíadas*). Os poetas revelam mensagens. E o futuro tem respostas. TERESA JOEL

Gaspar Varela no concerto da banda Expresso Transatlântico, FMM, Porto Covo, 2024

praticada de maneiras diferentes”. Em Lisboa, onde vive, gosta de ver que há muitas línguas e culturas que integram a malha urbana e cosmopolita, isso motiva-o a “ir à procura da música dessas culturas”.

A banda instrumental Expresso Transatlântico, criada em 2021, é formada por Gaspar e Sebastião Varela e Rafael Matos, jovens que cresceram em Lisboa onde encontram diversas influências e ritmos musicais. A multiculturalidade faz parte desta geração. “Quero acreditar que sim. Mas, se calhar, não é muito aceite ainda por uma parte das pessoas da minha geração”. Há preconceitos que devem ser ultrapassados? “Sim, isso é muito claro”. Na realidade, o preconceito e a aceitação do outro, do novo, do diferente, atravessam várias gerações. Gaspar concorda: “Sim, no tempo da minha avó [bisavó] era muito pior.”



FESTIVAL MÚSICAS DO MUNDO, TRADIDANÇAS, INTERCÉLTICO DE SENDIM E BONS SONS

Entre o final de julho e o princípio de agosto decorreram em diferentes pontos do país quatro importantes festivais, na sua diversidade todos eles ligados à matriz da intervenção da Fundação Inatel, que neles surgiu assim como parceiro natural

FESTIVAL MÚSICAS DO MUNDO DE 20 A 26 DE JULHO

É preciso ir a Porto Covo e especialmente a Sines para se perceber a dimensão e o impacto local deste Festival que traz importantes nomes das chamadas músicas do mundo. Em Porto Covo, para além da animação de rua, passaram pelo Palco Inatel o fado de Duarte, Samba Touré, a acordeonista Livia Mattos, La Muchacha y Su Propio Junte, Siti & the Band La Chiva Gantiva, Três Tristes Tigres, Melingo e os Expresso Transatlântico. Em Sines, onde a Fundação Inatel disponibilizou momentos de relaxe, com o yoga e shiatsu, desportos de praia e animação de rua com arruadas pelos, entre outros, Funk You Brass Band e Al-Fanfare o Palco Inatel trouxe momentos únicos com, entre outros, os concertos de JP Simões e Mayra Andrade.

A TRADIÇÃO DAS DANÇAS EM S. PEDRO DO SUL

A 6.ª edição do Tradidanças – Festival de Tradições, Dança, Música e Natureza, criou em Carvalhais, São Pedro do Sul, de 31 de julho a 4 de agosto, um espaço de encontro entre artistas, visitantes e a comunidade, através das danças tradicionais.

12.ª EDIÇÃO DOS BONS SONS EM CEM SOLDOS

É um dos paradigmas do envolvimento



cultural comunitário no nosso país. Há 12 anos que Cem Soldos, uma pequena e muito antiga aldeia da freguesia da Madalena, Tomar, se fecha literalmente – são colocados postos fronteiriços na entrada onde apenas se pode circular com a já habitual pulseira – para se abrir a uma festa única da música portuguesa. Pelo Palco Giacometti Inatel, um espaço dedicado a promover projetos emergentes da música portuguesa, passaram Conferência do Inferno, Ana Lua Caiano, Velhote do

Carmo, Malva, Vaiapraia e Emmy Curly.

23.ª EDIÇÃO DO FESTIVAL INTERCÉLTICO DE SENDIM, MIRANDA DO DOURO

Conjugando tradição com expressões contemporâneas, de 2 a 3 de agosto, passaram pelo Palco Inatel vários artistas folk, procedentes de Portugal e Espanha, como os Gaiteiros Mirandeses, os galegos Lenda Ártabra /Pandeireteiras, Carrión Folk de Castilla y León, o português Daniel Pereira de Cristo e os asturianos Alienda.

12 HOTÉIS RECEBERAM O GALARDÃO GREEN KEY 2024

A sustentabilidade ambiental é cada vez mais um elemento decisivo de escolha para as férias e por isso é tão importante a atribuição do galardão Green Key, da iniciativa da Foundation of Environmental Education (FEE) às unidades hoteleiras de Albufeira, Castelo de Vide, Cerveira, Flores, Foz do Arelho, Graciosa, Linhares da Beira, Manteigas, Piódão, Porto Santo, São Pedro do Sul e Vila Ruiva, é o reconhecimento do esforço que a Fundação vem desenvolvido neste campo.

FESTA DO DESPORTO AMADOR NO PARQUE DE JOGOS 1.º DE MAIO

O desporto amador e associativo é uma das áreas desde sempre ligadas à intervenção da Fundação Inatel que por todo o país apoia atletas, clubes e associações.

Em junho, num ambiente de festa, com muita animação musical e insufláveis para crianças e adultos, realizaram-se as grandes finais nacionais de futsal, basquetebol e futebol 11. No futsal feminino ganhou o Bairro de S. João, e no Masculino a Associação Desportiva Escala Lisboa.

O troféu do futebol 11 foi para a ACD Lavandeira e no Basquetebol o vencedor foi o Millennium BCP.



O SONHO DA ALDEIA DE PÉ DA SERRA

Os habitantes da Aldeia do Pé da Serra, vencedora do projeto “Aldeia dos Sonhos” 2023, fizeram durante três dias um cruzeiro pelo rio Douro, tendo acesso a diversas experiências culturais e turísticas. Esta iniciativa da Fundação Inatel – cuja candidatura para a 10.ª edição a realizar em 2024, aberta a aldeias com menos de 100 habitantes, decorreu até 26 de agosto – irá também fazer um roteiro turístico que dará acesso aos costumes, saberes e tradições de Pé da Serra.



COLUNA DO PROVIDOR



MANUEL CAMACHO

provedor.inatel@inatel.pt

Falamos cada vez mais, e em todas as áreas, sobre Inteligência Artificial, que nesta coluna vou referir sempre como IA.

A preocupação sentida por alguns perante a confusão que a IA pode gerar entre a realidade e a ficção é legítima, mas não se pode ignorar a importância que a IA pode ter em diversos campos da ciência, da educação e da economia, otimizando a qualidade de vida das sociedades.

Se por um lado há quem utilize a IA da pior maneira, produzindo desinformação como as chamadas *fake news*, por outro lado ela pode ajudar-nos, ao simular a inteligência humana, a tomar decisões e resolver problemas de forma mais rápida e eficaz.

Em discussão subsiste o facto de a IA se substituir ao ser humano, podendo provocar um indesejável aumento do desemprego. No entanto também é verdade que a IA gera novos métodos de trabalho, que promovem o emprego nas áreas da análise de dados, da cibersegurança e nas aptidões para o desenvolvimento da própria IA.

Para já a IA não expressa emoções, não transmite empatia e não consegue uma interação social com o humano, além de não possuir uma vontade própria e operar apenas segundo os limites dos seus criadores.

É importante aproveitar tudo o que a IA nos pode trazer de positivo, sem a endeusar nem diabolizar.

Como exemplo disso, estejam atentos aos resultados e conclusões da “OCEAN.AI SUMMIT/LISBOA”, evento que se realizará em setembro 2024 na cidade de Lisboa.

Sendo Portugal um país para o qual o oceano tem uma importância fundamental, o tema a ser tratado neste evento não poderia ser mais adequado: *Inteligência Artificial para uma Economia Azul com impacto*.

Vamos esperar que também neste evento a IA faça o seu “bom” caminho.

NOVO SITE DA FUNDAÇÃO INATEL

Uma nova porta digital na Internet. Com 89 anos de história e um design moderno, o novo site da Fundação em <https://www.inatel.pt/> é um convite para a descoberta do mundo INATEL.

VIAGEM



FOTOS: ADOBESTOCK

Lanzarote

AS FASCINANTES ILHAS CANÁRIAS

Da ilha da Madeira ao arquipélago das Canárias, partimos num cruzeiro à descoberta dos pequenos paraísos de La Palma, Lanzarote, Tenerife, Las Palmas, Fuerteventura

Aterramos no Funchal. O clima ameno convida a flunar pelos jardins, pelo centro histórico da cidade, pelo mercado dos Lavradores. Ao entardecer, embarcamos no MSC Opera e jantamos a bordo, admirando as estrelas.

Primeira paragem: Santa Cruz de La Palma. O passeio começa na zona pitoresca, visitamos a Igreja do Santuário da Virgem das Neves, do século XIV, situada na parte alta do município e uma das mais populares da capital, que abriga a imagem da padroeira da ilha. No interior destaca-se o altar maior, obra do século XVII coberto em prata, diversas esculturas flamengas, painéis e pinturas. Seguimos para o miradouro Cumbrecita, para uma vista sublime sobre o Parque Nacional da Caldera de Taburiente.

Nova paragem: Arrecife de Lanzarote. A capital de Lanzarote, é uma pequena e tranquila cidade portuária situada na costa leste da ilha, conhecida pelas paisagens vulcânicas e praias. Espera-nos um agradável passeio em estilo mediterrânico, uma praia banhada pelo Atlântico e uma mistura de edifícios desbotados pelo sol, bares, ruas movimentadas e restaurantes de todos os tipos. Acompanhados pelo guia local saímos do porto, seguindo pelos principais pontos turísticos de Arrecife: Castelo de S. Gabriel, rua León e Castillo, Igreja de S. Ginés, Charco S. Ginés, com várias casas de pesca a contornar a baía.

Próxima paragem: Puerto de la Cruz e Orotava. Ao largo da costa oeste de África,

FUNCHAL E CRUZEIRO
PELAS ILHAS CANÁRIAS

12 a 20 de março de 2025
Partida: Lisboa

Mais informações: Tel. 210027000 |
turismo@inatel.pt | www.inatel.pt

Tenerife é a maior das sete ilhas Canárias. As paisagens deslumbrantes e as inúmeras estâncias balneares são características desta ilha. Vamos à cidade de Puerto de la Cruz, na costa norte. Numa breve viagem por Tenerife chegamos ao Vale de Orotava e à pequena cidade de La Orotava, fundada no século XV por algumas das famílias ricas que viviam na ilha. A cidade manteve muitos vestígios atraentes dos seus

primórdios medievais. Passeamos pelo centro da pequena cidade para chegar à famosa Casa de los Balcones, um edifício de três andares do século XVII, exemplo típico de como seria a casa de um aristocrata nas ilhas Canárias na época passada. Um verdadeiro paraíso espera-nos nos maravilhosos jardins botânicos. Chegamos à capital Puerto de la Cruz, o principal centro turístico da ilha, um ótimo lugar para explorarmos as ruas movimentadas e absorver o ambiente animado que nos rodeia.

Paragem seguinte: Las Palmas (Gran Canária). Saímos do porto para ir ao bairro mais antigo, Vegueta, ponto de partida do passeio cultural para descobrir um labirinto de ruas estreitas. No caminho vamos ao mercado, o Teatro Perez Galdos, passamos pela praça de Santa Ana que exhibe estátuas de bronze em homenagem aos cães, um dos símbolos da cidade. Visitamos o grande parque urbano, Dornas, que mostra a flora local das Canárias, como dragoeiros, ficus, palmeiras e outras espécies locais. As fontes em cascata e a vasta vegetação, são um dos locais preferidos pelos habitantes para relaxar. Vamos também ao auditório Alfredo Kraus, um ponto privilegiado para contemplar a vista maravilhosa sobre a Praia de Canteras.

Última paragem: Puerto del Rosario, a capital da ilha Fuerteventura destaca-se pelas praias de areia branca e sol radiante durante todo o ano. Descobrimos os melhores miradouros da ilha e diversos locais de interesse, aprendendo sobre a história de Fuerteventura. Saímos em direção ao pequeno povoado de Pájara, considerada uma das localidades mais bonitas de Espanha. Tempo para conhecer a praça principal ou visitar a igreja com entrada de design asteca que ainda permanece um mistério. Seguimos viagem e paramos num dos miradouros mais altos da ilha, o melhor local para uma das vistas mais fascinantes da ilha. Continuamos até La Oliva, passamos pela montanha Tindaya, descobrindo as histórias da mística da montanha. Paramos algum tempo na igreja de La Canladaria em La Oliva, um edifício do século XVII que tem uma torre de vigia. Passamos ainda pela Casa de Los Coroneles, a caminho das famosas dunas de Corralejo. Segue-se um dia inteiro de navegação para regressarmos ao Funchal, sabendo que "o fim de uma viagem é apenas o começo de outra" (José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*).



Tenerife

Já não é a primeira vez neste espaço que se evocam as sábias palavras do poeta maliano Ahmadou Hampaté Bá: “Em África, quando morre um ancião arde uma biblioteca.” Vem isto a propósito do falecimento, a 19 de Julho, do *griot*, professor e virtuoso de kora também maliano Toumani Diabaté, que o público português – do FMM de Sines, ao Ciclo Mundos – teve a honra de ver em palco variadíssimas vezes, a solo, ou acompanhado com Ali Farka Touré; com a sua Symmetric Orchestra; com seu filho Sidiki Diabaté; com o brasileiro Arnaldo Antunes integrado no projecto Curva da Cintura; com o iraniano Kayhan Kalhor (no Teatro da Trindade); ou em duelo magistral de koras com um outro exímio intérprete no projecto, Ballaké Sissoko, em “New Ancient Strings”.

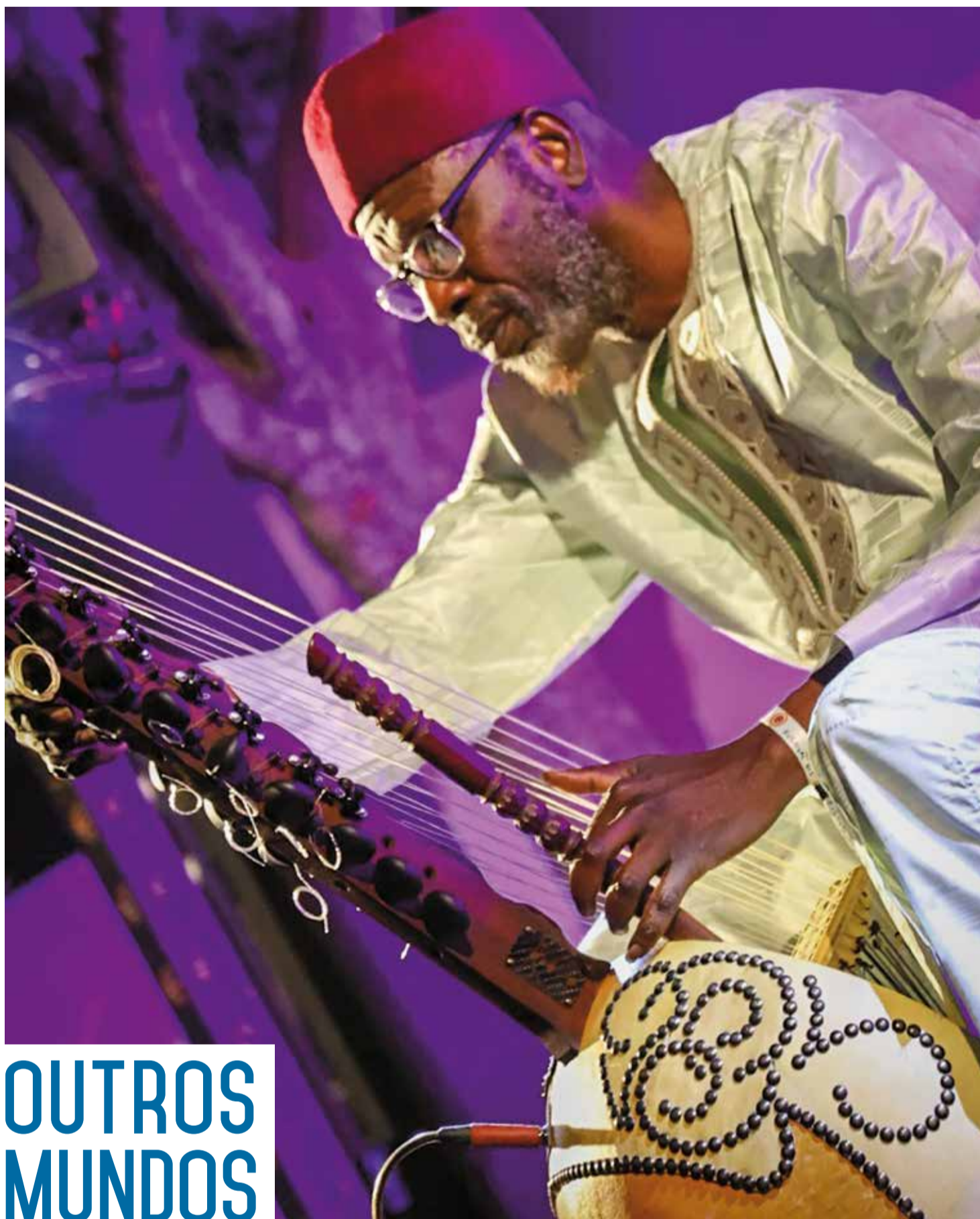
PRESEVAR A MEMÓRIA I

Duas semanas antes, o mesmo *griot* maliano de etnia mandinga, Ballaké Sissoko, havia dado um espectáculo a solo em Loulé, durante a vigésima edição do Festival Med, num dos mais belos cenários do país: o palco Hammam, situado no pequeno jardim de limoeiros do recentemente erguido espaço museológico Banhos Islâmicos (que remontam ao Séc. XII) e Casa Senhorial dos Barreto. Notável obra de reconstrução histórica do sistema de três salas: quente, tépida e fria. Tal como esta “sauna” ancestral, a actuação de Ballaké Sissoko foi um bálsamo levitante de purificação e de paz, que muito tocou no coração da jovem cantora argentina residente no nosso país, Delfina Cheb, que actuaria neste espaço, no dia seguinte, a solo com a sua guitarra. Cheb fez a ponte com Sissoko ao explicar que a milonga é uma forma de contar histórias semelhante ao dos *griots*. Tem um balanço muito semelhante à música circular e pentatónica da África Ocidental. Demonstrou fazendo, por momentos, a sua guitarra soar à kora de Sissoko.

O Hamman é um micro espaço inserido na zona história de Loulé que, de ano para ano, tem ganho novas praças, novos palcos, extra-muralhas do Castelo. Curiosamente, este ano o Med recebeu o colectivo Cara de Espelho de Carlos Guerreiro e Mitó. Músicos que actuaram, quer com Gaiteiros de Lisboa, quer com A Naifa, nas primeiras edições do Med em que havia apenas um palco: o da Cerca. O tempo consome, mas o tempo também preserva. As incisivas palavras de Pedro da Silva Martins (que também passou pelo Med com Deolinda), são o manifesto incisivo desta Cara de Espelho que o Portugal cada vez mais xenófobo precisa de ouvir: “Separando o africano do cigano/ Do chinês, do indiano, ucraniano/ muçulmano, do romeno ou tirolês/ Como vês/ Sobra muito, muito pouco português, ó pá”.

No palco do Castelo, que também recebe o Festival de Jazz de Loulé, alargou-se o conceito de música mediterrânica ao Báltico e à Escandinávia. Da Estónia, o duo Puuluup (que chegou a ter espectáculo marcado para o Ciclo Mundos e que o confinamento cancelou), munidos apenas de duas talharpas (lira ancestral de quatro cordas e arco semelhante ao jouhikko finlandês) e loopstations, o duo ofereceu-nos um espectáculo cativante de *eletro-folk*, *punk* e performances teatrais carregadas de humor e de grande interatividade com a plateia.

Também o finlandês Antti Paalanen, munido de apenas um acordeão diatónico, voz de trovão e percussão eletrónica, ergueu uma rave orgânica, onde mistura a *folk* ancestral do seu país, o *throat singing*



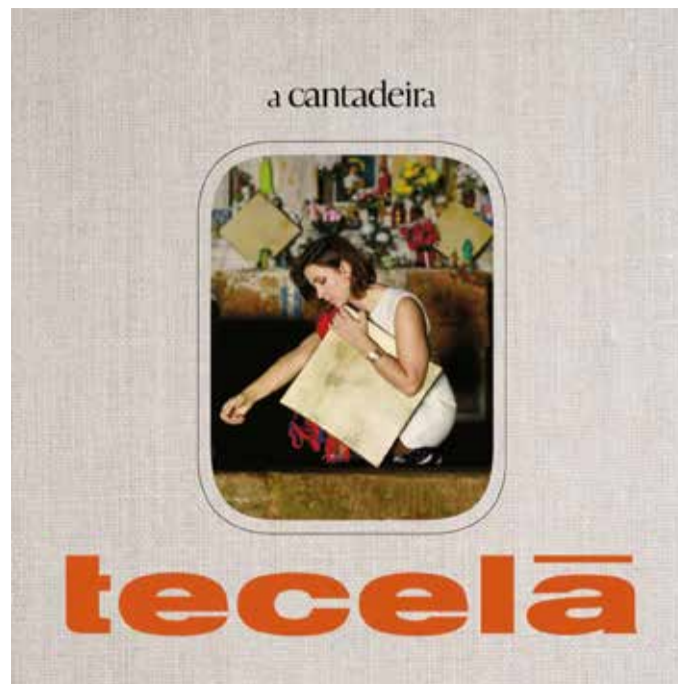
OUTROS MUNDOS

PRESEVAR A MEMÓRIA

O Med de Loulé celebrou vinte anos de existência. O *griot* maliano Ballaké Sissoko iluminou o pátio do bellissimo espaço museológico dos Banhos Islâmicos



Delfina Cheb



que entoa rituais xamânicos e a música electrónica de dança e também muito humor num espectáculo de grande intensidade e vertigem (um pouco à imagem de Kimmo Pohjonen que produziu dois dos seus discos).

PRESERVAR A MEMÓRIA II NOVOS DISCOS

JÚLIO PEREIRA – RASGAR [TRADISOM, 2024]

Mais de 45 anos dedicado ao estudo e prática do cavaquinho. “Rasgar” é um livro-CD cujos 10 temas que o compõem, são a sequência natural de “Praça do Comércio” (2017): folk dinâmico, contemporâneo bem secundado pelo violoncelo de Sandra Martins e guitarra de Miguel Veras, aberto ao Atlântico, do Marão ao Sertão (com Luanda Cozetti a ser voz mandadora em “Boda Atlântica”) até ao Índico, com a moçambicana Selma Uamusse a interpretar “Terra d’Água” dedicado a Cheny Wa Gune do colectivo de percussão Timbila Muzimba (que participou em “Praça do Comércio”). Há ainda o “Vira Cura” dedicado ao filho Tiago Pereira, visualista, documentarista, que tem congelado a memória colectiva e as vozes das cantadeiras de norte a sul, através da Cura, sede da Associação A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria.

Já o livro, com o formato de 7” (19x19 cm) tem 260 páginas. Inclui um estudo do etnomusicólogo Nuno Cristo da prática e das raízes históricas do cavaquinho que remonta ao Séc. XIX; e uma linha do tempo invertida (de 2023 até 1981) do percurso

de Júlio Pereira com muitos marcos no seu percurso: partilhas de palco com Zeca Afonso, Pete Seeger e Chieftains, ou a gravação a quatro mãos de “Lau Eskutara” com o basco Kepa Junkera.

A CANTADEIRA – TECELÃ [REPASSEADO, 2024]

Depois de ter passado pelos Dazkariah e de manter com Vasco Casais e Rita Nóvoa o projecto Seiva, Joana Negrão apresenta-se a solo onde grava camadas sobre camadas de voz e todos os instrumentos musicais que toca: adufe, pandeireta, bombo e gaita-de-foles portuguesa. A Cantadeira, o seu *alter-ego*, reverencia as vozes com grão que tanto M. Giacometti, J.A. Sardinha, como Tiago Pereira ou Vasco Casais (Omiri) captaram em Monsanto e no resto do país. Um disco que parece ter uma história para contar, cuja narrativa inicia simbolicamente com badaladas

de sinos e misteriosas vozes do Grupo de Cantares de Manhouce de Isabel Silvestre a interpretar “Eito Fora”. Uma fortíssima costela etnográfica que resgata “orações para tudo”, nomeadamente para desejar boa viagem, por Amélia Mendonça, adufeira de Monsanto. Mas há, sobretudo, uma vertente combativa em que Joana Negrão questiona “onde estão as cantadeiras?": “Na ceifa já não se canta / ai o mal já não se espanta. / O trabalho é mais pesado. / Calaram-se as lavadeiras.” E um tom feminista em “Lado a Lado” que troca a Murta por luta: “Menina vamos à luta / o silêncio só nos mata. /Debaixo do meu vestido / liberdade e não castigo”.

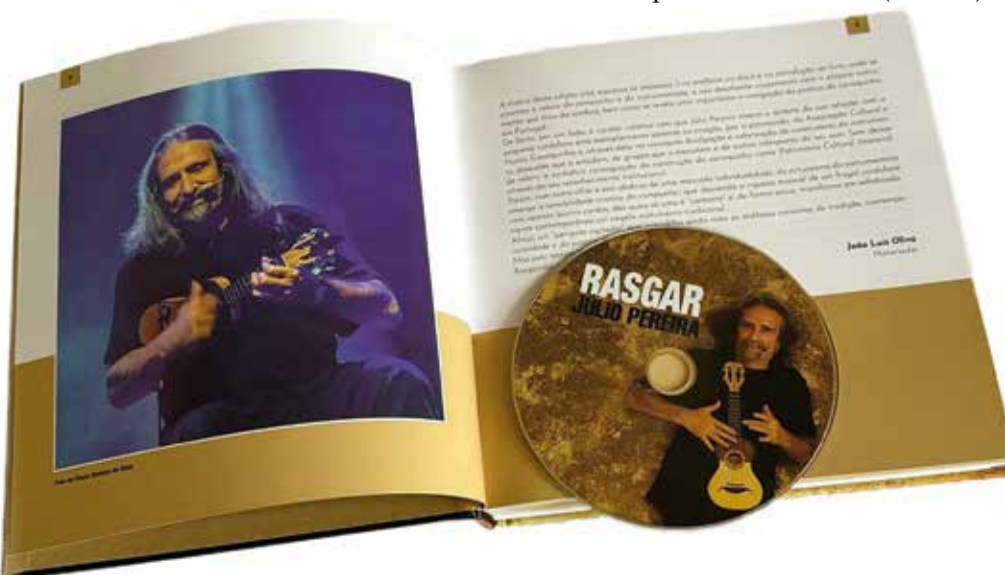
“Teclã”, recupera o sample de “Põe o Tear a Cantar” que Vasco Casais usa em Omiri no álbum dedicado a Évora, tem modas mirandesas (“Pandeiro”), *tecnofolk* Ibérico que tanto pode ecoar a Rodrigo Cuevas como a Tanxungueiras (“Manhã Clara”), novos arranjos para um tema de Dazkariah que deixou saudades (“Lilare”),

ambientes sombrios feitos em tempos de confinamento (“Medo”). Um disco *folk* ancestral e contemporâneo, extremamente arrojado.

CARLOS MARTINS – VAGAR [NISCHO, 2024]

Há muito tempo que o imaterial e sagrado cante alentejano é um laboratório de experimentação entre a *folk*, a música erudita, o jazz e até mesmo a pop e a ligeira portuguesa.

O alentejano e veterano saxofonista Carlos Martins grava, finalmente, um disco totalmente cantado. “Vagar” é um projecto multidisciplinar que tem palavras de José Luís Peixoto, belíssimas e bucólicas imagens de José Manuel Rodrigues (que poderiam figurar na capa de um disco da ECM Records) e a orientação do Cante por parte de Hugo Bentes e Pedro Calado. Uma abordagem assaz contemporânea e de fusão em que os astros se parecem alinhar num disco perfeito que inclui, para além dos metais de Martins, a voz de Manuel Linhares, a bateria de Alexandre Frazão, o contrabaixo de Carlos Barretto, os teclados de João Bernardo, o violoncelo e efeitos de Joana Guerra e o Clarinete Baixo e (também) efeitos de Paulo Bernardino e o cante do Grupo Procante. O jazz, a música improvisada, as tonalidades atlânticas, mediterrânicas, mouriscas (há um pós-fado árabe Al-Andaluz), respeitam o respirar do Cante. As modas mais conhecidas (“Rouxinol”, “Extravagante” e “Romã”). Um belíssimo “manifesto pela desaceleração”. **LUÍS REI**



[O autor escreve de acordo com a antiga ortografia]

ARQUIVO HISTÓRICO

FNAT – A AÇÃO EDUCATIVA
1.º CENTRO DE CULTURA POPULAR

Centro de Cultura Popular: Turma do Curso de Cultura Geral, c. 1940.
Fundação INATEL | AF

Centro de Cultura Popular: processo de uma aluna matriculada nas disciplinas de português e francês, ano letivo 1939-1940.
Fundação INATEL | AHI CCP proc.º 1094

Percursor da futura campanha contra o analfabetismo – mácula nacional tantas vezes imputada ao regime monárquico, mas que a 1.ª República lograra corrigir – a ação educativa sistémica das massas trabalhadoras desenvolvida pela FNAT nas décadas de 1930-50, através do programa de alfabetização e ensino pós-laboral, teve um impacto determinante, ainda que difícil de quantificar, no processo, ainda hoje em curso, para a sua total irradiação.

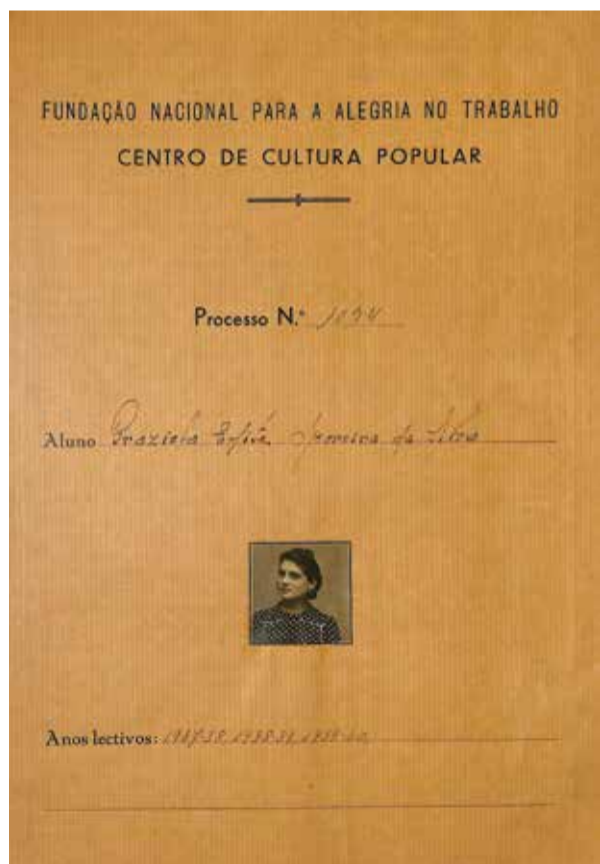
Criado em janeiro de 1936, com vista a «elevar o nível intelectual e moral dos trabalhadores portugueses», conforme decorria do próprio Decreto-Lei n.º 25496, 13/06/1935 de criação da FNAT, o Curso de Cultura Popular, órgão educativo posteriormente designado Centro de Cultura Popular, foi inaugurado em 15 de abril do mesmo ano pelo Presidente da República, General Óscar Carmona, na presença dos Ministros da Guerra, Educação Nacional, Comércio, Obras Públicas, Presidente da Câmara Corporativa, entre outras figuras do Estado.

Em funcionamento em Lisboa, na Rua da Emenda n.º 37, o Centro de Cultura Popular dispunha de uma oferta educativa apelativa, que incluía cursos noturnos de História da Expansão Portuguesa, História das Corporações em Portugal, História de Portugal, História da Arte Portuguesa, tendo sido convidados diversos académicos reputados, entre os quais Luís Chaves, Jorge Pires de Lima e Orlando Ribeiro.

O sucesso da iniciativa mede-se, desde logo, pelo impressionante número de inscrições, mais de 500, e pela introdução, logo no ano letivo seguinte, iniciado em 11 de novembro de 1937, de um Curso Comercial, que compreendia as disciplinas de

Português, Francês, Inglês, Alemão, Contabilidade, Matemática e Estenografia.

Animada pelos bons resultados alcançados, a FNAT lançou-se num ambicioso programa de cursos noturnos de instrução primária para trabalhadores, em articulação com o Ministério de Educação Nacional, regulado em Portaria de 5/1/1944, nos termos do Decreto-Lei n.º 21896. Instalados nas delegações da FNAT para Coimbra, Évora e Setúbal, bem como na Subdelegação para o Barreiro, encontravam-se em funcionamento, em 1954, 14 destes cursos. **JOSÉ BAPTISTA DE SOUSA**



O CAIS DO OLHAR

A GRANDE AVENTURA DO CINEMA PORTUGUÊS
DE CANNES PARA O MUNDO

Miguel Gomes foi o primeiro cineasta português a vencer o prémio de Melhor Realizador na principal competição de Cannes, concorrendo com o seu *Grand Tour* ao lado de Ford Coppola, Andrea Arnold, David Cronenberg, Paul Schrader, Yorgos Lanthimos. Recebeu o galardão das mãos de Wim Wenders, agradecendo ao cinema português e aos grandes cineastas que o inspiraram, como Manoel de Oliveira. O cinema português destemido e livre está de parabéns e abre-se ao mundo para a aventura.

Na *rentrée* cultural, o cinema que se faz por cá também ganha destaque nas salas, com ficções de época e adaptações literárias inspiradoras de argumentos.

Grand Tour, de Miguel Gomes | Portugal, França, Itália / 2024

• Descrito como um poema visual líricamente denso, que restitui a sensação de viagem como uma aventura surpreendente, acompanhamos dois noivos que não conseguem habitar o mesmo



espaço no mesmo tempo – ele medroso, a cruzar países fugindo dela Ásia fora, ela corajosa, a perseguir o seu rasto, no início do séc. XX, entre rios, cidades, selva e montanhas, até à fronteira com o Tibete, numa floresta de bambu habitada por pandas.

Banzo, de Margarida Cardoso | Portugal, França, Holanda / 2024

• Margarida Cardoso devolve nova reflexão sobre o movimento descolonizador das mentes que urge fazer em Portugal, filmando a violência hegemónica estrutural nas relações entre colonos portugueses e escravos negros. Médico numa ilha tropical, Afonso não consegue encontrar a cura para o *banzo*, uma nostalgia fatal que assola os negros, por inanição ou suicídio, e as colónias africanas surgem como uma comunidade de espectros presos num limbo histórico sem retorno.



Longe da Estrada, de Hugo Vieira da Silva e Paulo Milhomens | Portugal, França / 2023

• O médico e artista Victor Segalen viaja até ao Taiti para conhecer pessoalmente o



pintor Gauguin, ficando a saber que este morrerá semanas antes. Inicia então uma jornada psicológica e sensorial que o ligará profundamente a este homem com quem nunca se cruzou em vida. Rodado na Polinésia Francesa, é considerado um épico de grande beleza, que evoca de forma sublime a obra, vida e contradições de Paul Gauguin.

Mãos no Fogo, de Margarida Gil | Portugal / 2024

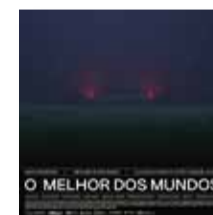
• Os segredos que uma casa guarda podem contar uma história, mas temos de estar dispostos a vê-la. Num solar intemporal do Douro, vagueamos entre portas, cortinas, móveis, traves, vapores e fogo, guiados pelo deslumbramento de Maria do



Mar em capturar o real. Através da magistral fotografia de Acácio de Almeida, dos encontros com ocupantes, bichos, objetos, sons, luzes e sombras, o olhar multiplica-se sinuosamente por camadas de ficção, num mistério que se adensa e se vai descobrindo com evocações da história do cinema.

O Melhor dos Mundos, de Rita Nunes | Portugal / 2024

• Partindo da premissa, consensual entre a comunidade de cientistas, de que Lisboa voltará a ser abalada por um sismo de magnitude intensa, confrontamos com a forte probabilidade de isso acontecer em 2027, numa alusão à memória coletiva de 1755 e à curiosidade comum pela ciência e tecnologia. Em estreita colaboração com geofísicos, sismólogos e oceanógrafos, seguimos o registo contemporâneo dos bastidores científicos de um terramoto.



A Pedra Sonha Dar Flor, de Rodrigo Areias | Portugal / 2024

• Dois realizadores descobriram cinema na obra literária de Raul Brandão – a quem chamaram o mais tchekhoviano dos escritores portugueses. Oliveira, aos 103 anos, filmou *O Gebo e a Sombra*, para refletir sobre a miséria material e moral. Rodrigo Areias encontrou na paisagem de Ovar matéria para criar um ambiente “impregnado de pobreza e sofrimento”, através de uma fotogenia extrema de sombras e reflexos, adaptando *Húmus* e *A Morte do Palhaço*. **SOFIA TOMAZ**



TEATRO DA TRINDADE INATEL

TELHADOS DE VIDRO, A VIDA TAL COMO ELA É

O Trindade abre a temporada da sua sala principal com um drama de David Hare onde o passado e o presente se misturam numa teia relacional por onde passam o amor, a traição, o luto, o conflito geracional e até, a luta de classes

No original *Skylight*, "Telhados de Vidro" estreou no National Theatre, em 1995, e desde aí tem sido representada em vários países, como Estados Unidos, Canadá, China e Austrália e ganhou vários prémios, entre os quais o Prémio Laurence Olivier para Peça do Ano em 1996.

A peça traz-nos a visita inesperada que Tomás (Diogo Infante), um carismático e bem-sucedido empresário, cuja mulher faleceu recentemente, pai de Eduardo (Tomás Taborda), faz a Clara (Benedita Pereira), uma jovem professora que vive num modesto apartamento num subúrbio da capital. À medida que a noite avança eles tentam perceber porque é que o seu relacionamento, outrora apaixonado, terminou abruptamente.

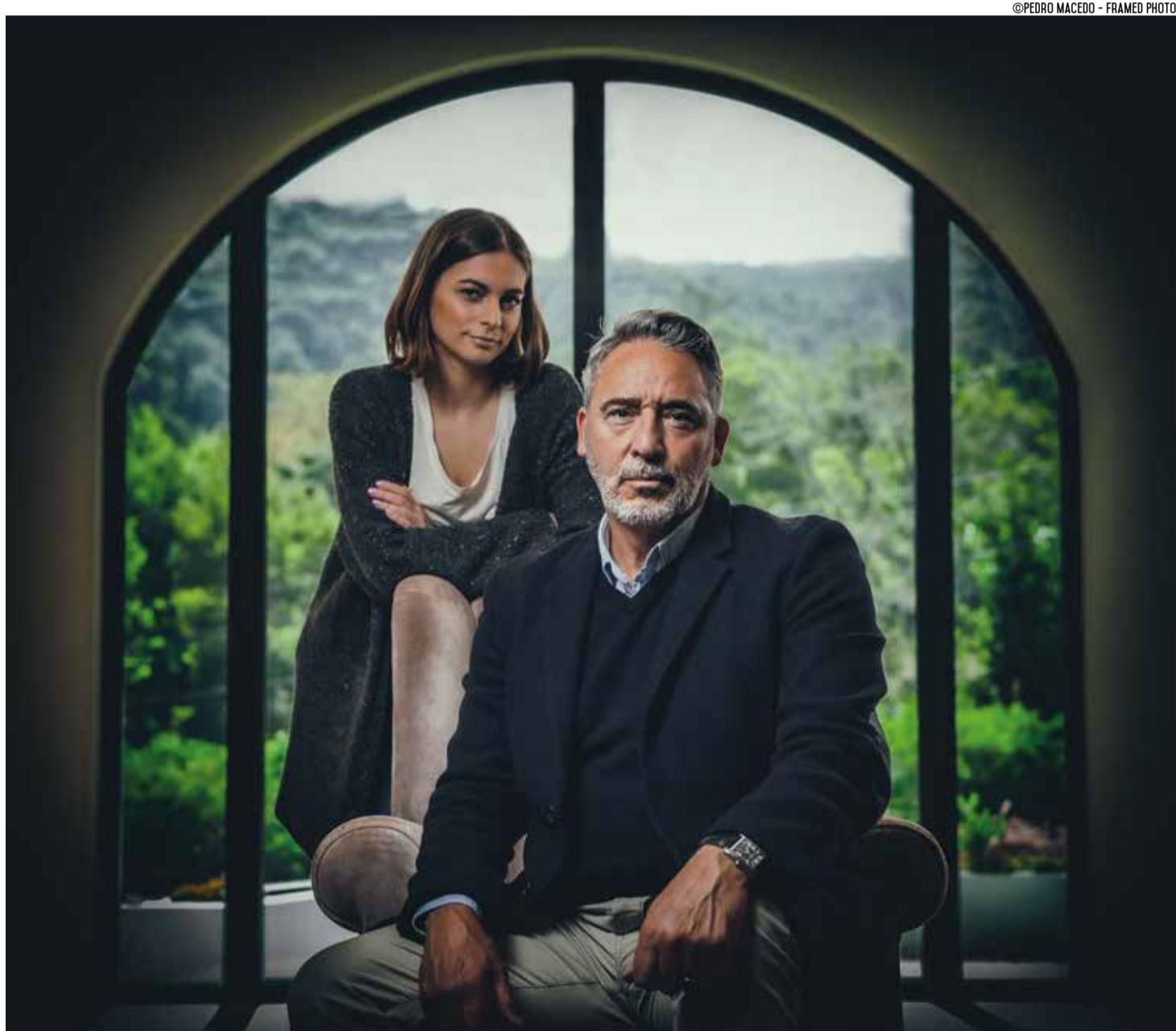
O enredo traz outras dimensões socio-políticas, ou não estivéssemos diante de uma peça do dramaturgo e argumentista David Hare, cuja escrita teatral se caracteriza por um olhar atento e marcadamente político sobre a realidade e a história inglesa do pós-guerra. Hare, para além da sua importante e carismática obra dramática, viu serem nomeados para os Óscares os argumentos cinematográficos de "As horas" e "O Leitor".

Fomos espreitar um ensaio ao Teatro da Trindade e no final, sentados na plateia do teatro, tentámos saber como é que Diogo Infante, Benedita Pereira e Tomás Taborda viam as suas personagens. Benedita Pereira foi a primeira a responder:

"Ainda não tenho uma resposta certa, estamos a descobri-la. A Clara surge com uma vida aparentemente bem resolvida, com um novo percurso, com uma missão de professora da escola pública. E nós começamos o espetáculo a ver essa vida antiga a invadir outra vez. É como se fosse um terramoto, as placas tectónicas a mexerem-se e de repente é questionada e obrigada a ir às profundezas outra vez da sua história e do seu percurso. O que é muito doloroso. Há sempre uma coisa que eu acho que há em todas as personagens, em todas as pessoas: há sempre coisas que nós fazemos que são completamente o oposto das ideias que nós defendemos. E a Clara está a viver esse momento em que se confronta com isso. A maior dificuldade para encontrar a Clara é que sou um bocadinho mais reativa, mais explosiva do que a Clara. E então é um bocadinho esse trabalho de contenção que estou a descobrir."

Na roda da conversa foi a vez de Tomás Taborda falar de "Eduardo":

"Acima de tudo há nele uma grande sensibilidade. E empatia também. O Eduardo é um jovem que precisa de ajuda, que procura o apoio emocional que não tem em casa,



©PEDRO MACEDO - FRAMED PHOTOS

devido à solidão que sente por ter perdido a mãe, não tem uma boa relação com o pai. Vê na Clara um bocadinho uma figura, ou uma luz, que o pode encaminhar para algo que ele próprio não sabe bem o que é, porque ele está num momento de descoberta. Todos nós na vida procuramos respostas, alguma verdade. E ele procura Clara porque só ela consegue desmontar todo este homem complexo, que é o Tomás."

Diogo Infante foi o último a falar da sua personagem:

"Tomás representa muitos homens de meia idade que foram educados na assunção que têm de cumprir um papel social. E ele é muito viril e muito másculo, tem muito orgulho da sua capacidade de iniciativa, é um empresário, é um homem de ação, dá trabalho às pessoas, é alguém que está habituado a controlar e a manipular tudo e todos. Aqui as coisas não correm como ele esperou. Eu quero acreditar, quando estou a fazer o Tomás, que ele achou que a estratégia podia funcionar.

Ele não terá contado que as coisas começassem tão rapidamente a fugir-lhe por entre as mãos, e, portanto, ele entra ali numa espécie de avalanche de sentimentos que não controla, dos quais tem um

enorme sentimento de culpa. É evidente que isto me levanta vários desafios como ator e sinto que o maior deles é eu não o julgar, ao seu lado egoísta. E há momentos em que é quase muito complicado estar a interpretar isso. Mas faz parte do desafio."

Marco Medeiros, o encenador, assistiu atentamente a toda a conversa. Quando acabámos de falar com os atores, antes de desligarmos o gravador, pedimos-lhe a sua própria visão:

"Bom, o que eu tentei absorver do texto, e é algo de que nós tentamos sempre fugir mas vamos lá sempre parar, é exatamente destes finais infelizes. Parece que tentamos a nossa vida toda colher o melhor que temos de nós e do que a vida nos pode dar mas esse esforço parece que é sempre inglório. Qualquer lado que escolhamos será sempre para nós o bom e aos olhos do outro é sempre o mau. É disso que falamos aqui. Pretendo quase um elogio a um final infeliz. Estamos cheios deles, não é?"

JOAQUIM PAULO NOGUEIRA

FICHA ARTÍSTICA

Telhados de Vidro

Texto David Hare

Tradução Ana Sampaio

Encenação Marco Medeiros

Com Diogo Infante, Benedita Pereira

e Tomás Taborda

Pianista Jorge A. Silva

Cenografia F. Ribeiro

Desenho de luz Marco Medeiros

12 SET a 17 NOV

Qua a Sáb 21:00 Dom 16:30

CONVERSA COM O PÚBLICO

20 OUT / Dom. após o espetáculo

RISSÓIS, IMPOSTOS, LUDÍBRIOS



FERNANDO
DACOSTA

Com o sarcasmo que o caracterizava, Vasco Pulido Valente dizia que Portugal era uma democracia sem (verdadeiros) democratas, pois os que se afirmavam como tal apenas davam liberdade aos outros para concordarem com eles.

Já antes, D. Carlos, o trágico monarca abatido pelo Buíça, lamentava-se por o País ter uma monarquia mas não ter (verdadeiros) monárquicos – alguns seriam, como se sabe, coniventes com o regicídio.

Não havendo, então, democratas genuínos, na versão de VPV, não há democracias genuínas nem, consequentemente, tratamento democrático de todos os cidadãos.

O desrespeito pela maioria deles tornou-se, com efeito, transversal nos nossos regimes, fazendo-os *portugueses de segunda*, como outrora os nascidos (*brancos de segunda*) nas colónias de África.

Isso habituou muitos, para sobreviverem, a pôr um olhar na vigarice e outro na moralice, sob duplicidades e invejas, espertezas e safadezas. Há quem diga mesmo que uma parte da população só consegue safar-se fugindo, tal a sua asfixia, à desmesura dos impostos.

Se nos pequenos ludíbrios nos tornamos exímios, nos grandes são-no os *lóbis*, as multinacionais, os megagrupos, que surripiar milhões é para elites, não para desenrascas.

Desenrascas chãos, a nível de *secos & molhados*, florescem, com efeito, em tra-

ficâncias de balcão e ilusão; chega a ser ternurento o que, por exemplo, se pratica nalguns espaços da restauração (caso de pastelarias e afins) com o insuflar de vazios, leia-se, de ar, em rissóis, empadas, merendas, crepes sobre recheios a fingir, numa visualmente engenhosa arquitetura estético-gastronómica.

Na sua aparente candura, o embustezito (perdão para os simpáticos rissóis!) é significativo do que a outros níveis se pratica sem limites nem decência.

Arrogante, quase sempre ameaçadora – porque ancorada em leis, em penalizações – tornou-se, noutra extremo social, a actuação dos poderes instituídos (governo, fisco, banca, seguros, tribunais, polícias, reguladores) que, com férrea implacabilidade, arrestam ordenados e bens a incumpridores, por norma de fragilíssimos recursos.

Os cidadãos não têm, sabe-se, como

SONDAGENS RECENTES REVELAM QUE A MAIORIA (56 %) DOS PORTUGUESES AFIRMA-SE “INSATISFEITA” COM A SUA DEMOCRACIA

contra-partida o direito constitucional de fazer o mesmo aos caloteiros legais/oficiais: confiscar-lhe verbas, depósitos, automóveis, cofres, edifícios, etc..

Há instituições de solidariedade a quem o Estado adia, anos e anos, dívidas de milhões sob pretextos burocráticos, indiferente aos gravíssimos efeitos sofridos pelos lesados – e à injustiça que contagia.

Quando certos sectores, indústrias, comércio, empresas, autarquias, administrações entram em dificuldades, logo as resolvem subindo o preço dos seus produtos, ou serviços, ou impostos para recuperarem receitas; quando trabalhadores, ou empregados por conta de outrem, ou de ninguém caem em situação difícil não lhes é permitido impor aumentos dos seus salários; pelo contrário, sistematicamente apanham com represálias, como assédios, ameaças, suspensões, despedimentos.

Continua-se a não justificar, entretanto, a intolerável exigência de marcações prévias para atendimento do público em repartições e empresas; igualmente continua-se a não justificar as cativações de verbas sistematicamente desviadas de sectores a que eram destinadas, o que provocou degradações abissais no tecido do País – na vida dos portugueses.

Enquanto tal, devedores de milhões goceiam, ante autoridades complacentes, quantias e prazos a saldar, a especular. Não há, sequer, um Provedor do Contribuinte.

O Estado não dá nada porque nada produz, afirma o professor Jorge Marrão. O Estado confisca aos cidadãos verbas que administra segundo os seus interesses, à revelia desses cidadãos, que não consulta, não informa.

Políticos, economistas, comentadores, influenciadores afinam no propalar que os impostos sobre o trabalho (os controlados) não são, entre nós, dos mais elevados na CE, outros países havendo em que se revelam superiores. Escamoteiam, porém, que 40 por cento deles (impostos) em ordenados de 2.500 euros não são a mesma coisa que 50 por cento em ordenados de 6000, os praticados nesses países.

Em notável ensaio, “O Termo da História”, o psiquiatra e escritor António Vieira alerta para o surgimento de “uma nova democracia”, de “violência mais fria e feroz”, sublinhando que “a mentira sistemática da casta política encontra a cumplicidade da casta intelectual que aluga aos políticos o falacioso discurso da sedução e vaidade justificativo do Poder, e recebe em retribuição migalhas das migalhas pagas aos sicários”.

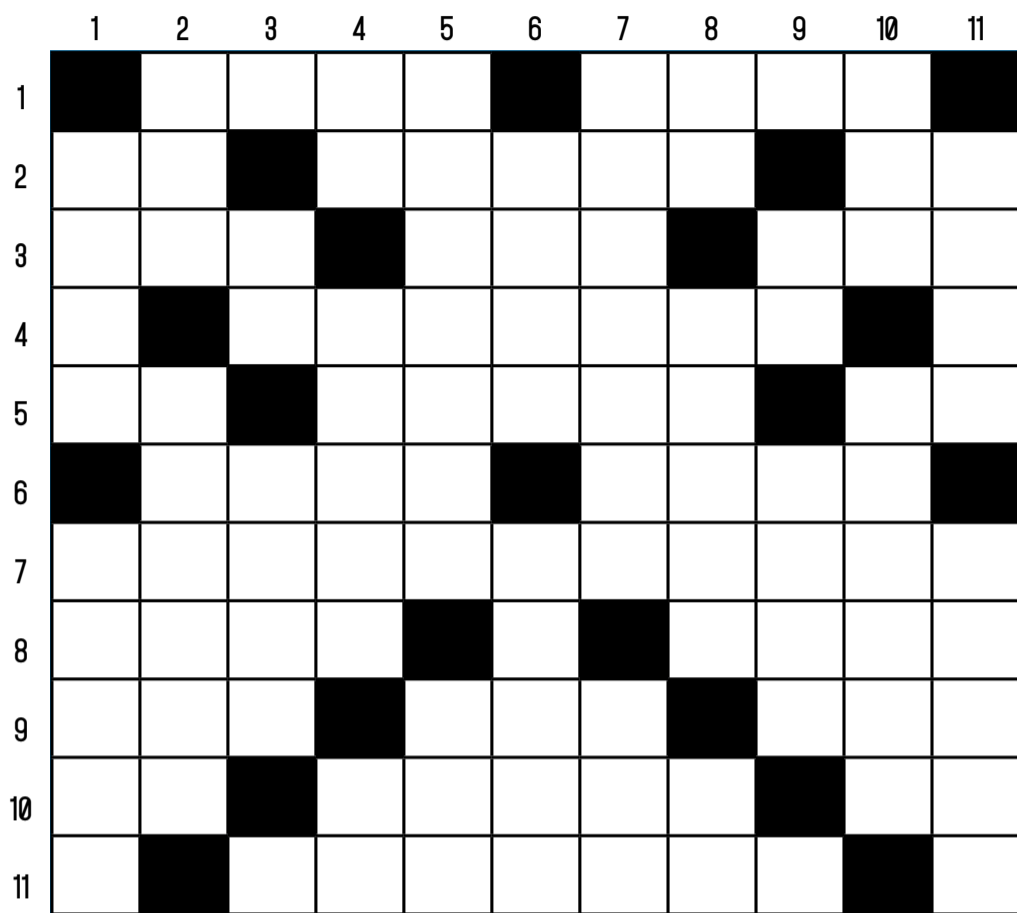
Sondagens recentes revelam que a maioria (56 %) dos portugueses afirma-se “insatisfeita” com a sua democracia.

Continuamos despóticos com os debaixo, subservientes com os de cima – e democraticamente contentinhos no sê-lo.



PASSATEMPOS

PALAVRAS CRUZADAS POR JOSÉ LATTAS



HORIZONTAIS:

1-Aqueles (inv.); Permanece. 2-Rio italiano, que desagua no Mar Adriático, cerca de 50 Km a Sul de Veneza; Atrelar; Nota musical. 3-Prefixo que se usa em palavras científicas, com sentido de igual; Catálogo; Pêlo macio e espesso, que cobre o corpo de certos animais (pl.). 4-Rugira. 5-Preposição; Fruta-do-conde; Cevado. 6-Inquiro; Belzebu. 7-Dragar. 8-Primeiro nome da cantora brasileira, falecida em 1982; Ópera de Giuseppe Verdi. 9-Vapor; Ressonância; Rio suíço. 10-Arsénio (s.q.); Quisera; Livro de António Nobre. 11-Cortais.

VERTICAIS:

1-Ande; Pintor impressionista francês (1834-1917). 2-Abreviatura usada pela marinha para pedir socorro; Buchos 3-Prefixo designativo, geralmente de oposição ou inversão; Divindade egípcia, esposa de Osíris e mãe de Hórus. 4-Alumínio (s.q.); Ascendências; Protactínio (s.q.) (inv.). 5-Déspotas; Avestruz. 6-Rebento; Estancar. 7-Dizendo; Contudo. 8-Irídio (s.q.); Raspara; Gemido triste e doloroso. 9-Além; Metade. 10-Capital da Jordânia; Melopeias. 11-Pronome demonstrativo; Exóticos.

SOLUÇÕES:

1-SIAI; FICA. 2-PO; LIGAR; MI. 3-ISO; ROL; LÁS. 4-S; BRAMARA; T. 5-EM; ANONNA; TO. 6-OIÇO; DEMO. 7-DESASSOREAR. 8-ELIS; E; ALDA. 9-GÁS; ECO; AAR. 10-AS; AMARA; SQ. 11-S; APARAIS; S.



25
OUT



26
OUT



27
OUT

BRAGA | 25 - 27 OUTUBRO

8ª EDIÇÃO ENTRADA LIVRE

DIA 25 OUTUBRO | 6ª FEIRA | 21H | CAPELA IMACULADA NOSSA SRª DA CONCEIÇÃO
A PAIXÃO DE JOANA d'ARC de Carl Dreyer | Com Filipe Raposo | M/12

DIA 26 OUTUBRO | SÁB. | 21H | AUDITÓRIO DO BOMFIM
THE GENERAL - PAMPLINAS MAQUINISTA de Buster Keaton | Com O Gajo | M/6

DIA 27 OUTUBRO | DOM. | 18H | AUDITÓRIO ADELINA CARAVANA
OS LOBOS de Rino Lupo | Com Bicho Carpinteiro | M/12

OUTRAS DATAS

PORTO 21 - 23 NOVEMBRO

LISBOA 5 - 8 DEZEMBRO

INFORMAÇÕES

210 027 148

chamada para a rede fixa nacional



Colaboração



Quanto mais Inatel, mais Galp



Apresente o seu cartão INATEL nos postos Galp e aproveite os **descontos em combustível até 9 cênt/litro.**

Ganhe
descontos em
combustível

Descubra todas as vantagens em galp.com/inatel

Apresente o seu cartão Inatel (físico ou digitalizado na app Mundo Galp) e aproveite todos os descontos:

- 9 cênt/litro em todos os combustíveis, todas as 4^{as} feiras;
- 8 cênt/litro em combustível Evologic 2.0, todos os dias;
- 6 cênt/litro em combustível simples e GPL Auto, todos os dias.

O cartão de associado é pessoal e intransmissível. Os descontos são atribuídos até aos limites definidos nas condições contratuais.

